

Keeslar Kyzbickas

O LUZEIRO

Revista Mensal publicada pela Editora "O LUZEIRO" Ltda.

DIRETOR RESPONSÁVEL:

Eng. Clovis Bradaschia

SUPERVISOR:

Dr. Ermelino J. Pugliese

GERENTE:

Eng. G. E. Malschitzky

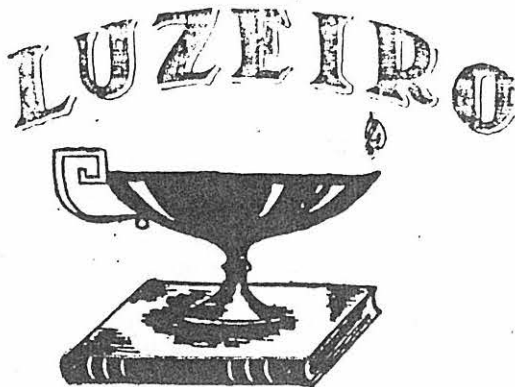
SECRETÁRIO:

Dr. Guedes Pereira

TESOUREIRO:

Luiz Boschetti

As opiniões emitidas em artigos assinados são de responsabilidade dos autores.



A SABEDORIA AO ALCANCE DE TODOS

SUMÁRIO

Profecias Que Atestam a
Quêda Do Ciclo

Hino Nacional Brasileiro

Origem Das Fêstas Dedicadas
Aos Santos e Aos Defuntos
Os Seis Sistemas de Filoso-
fia IndúO "Messias" De Pôços de
Caldas.

CONSELHOS UTEIS

É permitida a transcrição parcial ou total
dos artigos, deste periódico, desde que citada
a sua origem.

REDAÇÃO: Rua da Liberdade, 47 - 1.º andar — Fone: 35-2785 — SÃO PAULO - BRASIL
 Representação em SANTO ANDRÉ (Est. de S. Paulo - E. F. S. J.) - Av. Industrial, 52

PROFECIAS QUE ATESTAM A QUÊDA DO CICLO (1)

LAURENTUS

Nenhuma dúvida resta de que o mundo chegou a um verdadeiro estado de anarquia em todos os setores da atividade humana, inclusive no religioso e político, como ficou bastante esclarecido na obra de crítica científica, filosófica e religiosa, «O Verdadeiro Caminho da Iniciação» (2). Afirmar o contrário, seria trair a própria consciência, gesto este que nenhum homem de bem ousaria praticar.

Entretanto, a essas mesmas religiões, nesta hora suprema de agonia, reiteramos nossos apelos a favor de uma FRENTE ÚNICA ESPIRITUALISTA, o que constituiria admirável e espiritual entendimento entre tôdas elas, sem necessidade de quebra dos seus compromissos regulamentares, na mais dignificante demonstração de tolerância e respeito aos sãos preceitos do Cristianismo, do qual o Ocidente inteiro se acha realmente afastado; é, aliás, o mesmo que acontece com o Oriente de hoje, em relação ao verdadeiro Budismo, Bramanismo e outras religiões e filosofias, à parte um certo número de elite, que procura o repouso espiritual reclamado por sua hierarquia. Para essa unificação, numa apoteóse de luz e de magnificência espiritual, um Templo já existe dedicado a tôdas as religiões do mundo, erguido pela Sociedade Teosófica Brasileira (3). E num verdadeiro «retiro» a que ela mesma preferiu dar o nome de VILA CANAÃ, como um dos magníficos patrimônios «religiosos» que possui a privilegiada estância hidro-mineral de SÃO LOURENÇO. E isto, porque o verdadeiro Teósofo é aquele que sabe descobrir nas inúmeras facêtas do esplêndido Diamante que é a SABEDORIA INICIÁTICA DAS IDADES, subdividida em religiões, filosofias, e até ciências e línguas, o DEUS ÚNICO E VERDADEIRO, que é, «de direito e de fato», a Jóia mais preciosa que rutila no centro do Universo.

Não nos importa a opinião daqueles que continuam enganando-se a si próprios, através de uma vida de fausto e grandeza, de hipotéticas felicidades, que, em breve, por força de Lei, ou melhor, pela queda da civilização, estão fadadas a desaparecer da face da Terra.

A esses vamos responder apenas com as palavras de um Ser da mais elevada Hierarquia, conhecido no Oriente sob o nome de «O Rei do Mundo» e servindo-nos de uma das mais famosas passagens do **Vishnu Purana**, o livro mais antigo, talvez, do Oriente, e que tomamos a liberdade de comentar através de enigmáticos parêntesis.

Profecias do Rei do Mundo:

«Cada vez mais os homens esquecerão as suas almas, preferindo ocupar-se de seus corpos. A maior corrupção reinará sobre a terra. Os homens tornar-se-ão idênticos aos animais ferozes, embebidos no sangue de seus irmãos (que o digam as duas guerras mundiais, as revoluções, e todo o lastro destruidor do ciclo de Marte, ou seja de 1909 a 1944). O «Crescente» se aniquilará e seus adeptos sairão em miséria e guerra perpétua. Seus conquistadores serão iluminados pelo Sol, mas não se elevarão duas vezes; acontecerá a maior das desgraças, que culminará em injúrias diante dos outros povos. As coroas dos reis, grandes e pequenos, cairão: uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito... (não foi o que assistimos nas duas últimas guerras?). **Haverá uma guerra terrível entre tôdas as nações** (a última, ou a que ameaça destruir o mundo, através de bombas atômicas e outros engenhos de morte?). Os oceanos se tingirão com o sangue de irmãos contra irmãos (por serem filhos de um Pai Comum: Deus). A terra e o fundo dos mares ficarão cobertos de ossadas... **Povos inteiros morrerão de fome, ou por moléstias desconhecidas, ou pela prática de crimes não previstos nos códigos com que se regem os homens, e isto por nunca terem sido vistos iguais na terra...** As maiores e as mais belas cidades serão destruídas pelo fogo (ruínas, sempre ruínas!). O pai se revoltará contra o filho, o irmão contra o irmão, a mãe contra a filha (os jornais estão repletos de crimes dessa natureza, o que evita maiores comentários). O vício, o crime, a destruição do corpo e da alma continuarão a sua

CONT. NA PAG 62

PROFECIAS QUE ATESTAM A QUEDA DO CICLO

CONT. DA PAG. ANT.

rota fatal... As famílias serão divididas (???)... O amor e a fidelidade desaparecerão, porque a prostituição reinará até nos lugares mais sagrados... (estamos na época das «sereias», das «rainhas desnudas», para gáudio da imprensa livre; sem falar nas «mi-carêmes» e outros métodos de «alegrar e satisfazer o povo»). Em dez mil homens, um só viverá, mesmo assim, louco e sem forças, não encontrando habitação nem alimento. Tôda a terra ficará deserta (e «viúva dos deuses», como disse Hermés, na decadência do Egito...). Deus lhe voltará as costas. Sôbre ela cairá o espesso veu da noite e da morte... Então enviarei um POVO, agora desconhecido (estas profecias foram feitas há mais de meio século, no mosteiro de Narabanchi, na Mongólia exterior), que, com mão firme, ARRANCARÁ AS MÃS ERVAS DA LOUCURA E DO VÍCIO (êste, sim, será o*govêrno único aclamado pelo «descobridor» da relatividade, pois que, agora, teria que andar, como Diógenes, com uma lanterna mais forte, para encontrar... o «procurado»). E CONDUZIRÁ AQUELES QUE FICAREM FIEIS AO ESPÍRITO DE VERDADE NA BATALHA CONTRA O MAL. Eles fundarão uma nova vida na terra, purificada pela morte das nações...»

Texto precioso do Vishnu Purana:

«Nos dias em que os *mlechchas* (europeus) forem senhores das margens do Indo, Casemira e Chandrabagha, aparecerão monarcas de máu espírito, gênio violento, mentirosos e perversos (com vista aos dois monstros do ciclo atual, ou sejam Hitler e Mussolini, este de fim tão trágico, enquanto o outro, gozando as delícias da sua pseudo-morte...). Eles darão morte às mulheres, às crianças e aos próprios animais (a última guerra responde por si mesma...). No entanto, o seu poder será limitado (como foi e será sempre o de todos quantos estejam fora da verdadeira Lei, que a tudo e a todos rege). Suas vidas serão curtas, embora seus desejos insaciáveis (ainda continuem outros com ambições análogas... mas o fim será idêntico aos anteriores). Gentes de vários países, com eles se misturando, seguirão o seu exemplo (as camisas das várias côres que se estenderam na «corda bamba» da política internacional, sob o tutela do nazi-fascismo...). Os puros serão desprezados (e até desmoralizados pela imprensa). E, com isto, o povo perecerá, por que os *mlechchas* ou bárbaros, estarão nos extremos (o nome o diz: «extremismo»), enquanto os verdadeiros ários estarão no centro (ária ou ariana, se o quizerem, não foi jamais a decadente Alemanha de hoje, mas a sub-raça germânica, que de há muito desapareceu fundida em outros povos. Estamos na arregimentação das SEMENTES da sexta e sétima sub-raças, dessa mesma raça-mãe, respectivamente na América do Norte e do Sul. A Índia foi a verdadeira mãe da raça ária; donde, ter sido chamada, naquele tempo, de ARYAVARTHA... Hitler e outros muitos eram ignorantes demais para conhecer tais coisas). A riqueza e a piedade diminuirão cada vez mais, até o mundo entrar em completa degradação... Então, sômente a fortuna dará valor aos homens; ela será a única fonte de devoção (motivo pelo qual a maioria só procura as sociedades pseudo-ocultistas, que prometem aquilo que não podem dar, isto é, riqueza, paz, felicidade). A paixão animal será o único laço de união entre os sexos (o desquite e o divórcio, para quem tem caráter, é remédio, enquanto para quem não o tem, é

veneno mortal, é tragédia, é aniquilamento). A falsidade, o único meio de vencer as contendidas; as mulheres, mero objeto de satisfação sexual. A exterioridade, o único sinal de distinção entre as camadas (sem comentários...). A falta de honradez, o mais prático meio de se ganhar a vida (com vistas ao «câmbio negro», aos chamados «tubarões», e outras coisas que não merecem ser apontadas...). A debilidade trará consigo a dependência; a ameaça e a ostentação suplantarão a verdadeira Sabedoria. A mais desenfreada liberdade não permitirá outras aspirações mais dignas. A riqueza dará ao homem a reputação de puro e honesto. («Tanto tens, quanto vales», é velho provérbio para os loucos de espírito). O matrimônio não passará de simples negócio... A razão estará sempre do lado mais forte (do que muito se aproveitou Hitler...). E o povo, esmagado pelo peso da enorme carga, começará a emigrar de lado para lado (a começar pela raça judaica... sem falar nos foragidos de tôda a parte, inclusive religiosos...). E assim, na Idade Negra (aquela que estamos atravessando), a decadência moral continuará a sua marcha, até que a raça humana se aproxime da sua extinção (isto é, o fim de um ciclo, idade, de acôrdo, também, com o *Destruere et Construere* de Bacon, e o *Corsi e Ricorsi* de Vico).

Quando o fim de tal idade estiver próximo, descerá sôbre a Terra uma parte daquele Ser Divino (o Espírito de Verdade, Planetário da Ronda ou Dirigente Espiritual do Globo, a que também se refere a profecia anterior do Rei do Mundo), que existe em sua própria natureza espiritual, dotado das Oito faculdades supremas (os «Oito poderes da Yoga», etc.). Ele restabelecerá a Justiça na Terra, e as mentes dos que viveram até o fim, serão tão puras como o cristal. Os homens, assim transformados, serão como SEMENTES DE UMA NOVA RAÇA (note-se o lema da Sociedade Teosófica Brasileira: SPES MESSIS IN SEMINE, ou «a esperança da colheita está na SEMENTE»), que seguirá as leis da Idade de Ouro ou da Pureza, para transformar o mundo. DOIS ELEVADOS SERES, dois DEVA-PIS (o mesmo que dizer, «Gêmeos Espirituais»), volverão à Terra, para felicidade dos homens».

Quando ao Espírito de Verdade a que se referem ambas as profecias, é aquele mesmo que, no Bhagavad-Gitá (ou «Canto do Bemaventurado»), pela boca de Krishna, diz ao seu discípulo Arjuna: «Tôdas as vezes — ó filho de Bharata! — que Dharma (a lei justa) declina, e Adharma (o contrário, que é o estado em que se acha o mundo) se levanta, Eu me manifesto para salvação dos bons e destruição dos máus. Para restabelecimento da Lei, Eu nasço em cada Yuga (idade, ciclo, etc.)».

A época atual é também idêntica àquela que fez dizer ao apóstolo de Patmos: «A grande Babilônia tornou-se a morada dos demônios e repasto de todo animal que nos causa asco. E isto, porque tôdas as nações beberam do vinho da sua impudicícia, e os reis da Terra se prostituíram com ela».

Pelo que se vê, Prometeu continua acorrentado no Cáucaso, porque Prometeu é a própria Humanidade acorrentada no «carcere carnal», enquanto o abutre da Ignorância procura devorar-lhe as entranhas. E Cristo, por sua vez, crucificado continua no Gólgota, por ter sido inútil a TRAGEDIA.

Desta vez, quem nos auxilia é Guerra Junqueiro:

CONT. NA PAG. 64

HINO NACIONAL BRASILEIRO

Este periodico, levado pelo mais profundo sentimento de BRASILIDADE, e graças à preciosa dádiva feita pelo ilustre homem de letras, que é o Coronel Arlindo Viana, ao Presidente cultural e espiritual da SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA, Prof. Henrique José de Souza, de quem é aquele digníssimo militar, um dos mais brilhantes ornamentos do Exército Nacional, grande amigo e admirador, começa no presente número a publicar as TRADUÇÕES E VERSÕES do HINO NACIONAL BRASILEIRO, nos idiomas abaixo apontados.

Damos, entretanto, a palavra ao ilustre Coronel Arlindo Viana, para fazer a apresentação, que já foi publicada, deste magnifico e patriótico Trabalho, pelo jornal O SUL DE MINAS, n.º 259, de 6-4-1952, editado sob a direção de J. Aldano da Silva, em Itajubá, Estado de Minas Gerais:

HINO NACIONAL BRASILEIRO

— Traduções e versões —

Ainda está para ser publicado um estudo completo sobre o Hino Nacional Brasileiro, o nosso mais belo cânto patriótico. A lei 259 de 1-10-936, tornou obrigatório, em todo o País, nos estabelecimentos de ensino, mantidos ou não pelos poderes públicos, e nas associações de fins educativos e outros, constantes da mesma, o canto do HINO NACIONAL de Francisco Manoel da Silva, com letra de Joaquim Osorio Duque Estrada, oficializado pelo Decreto 15671 de 6-12-922. O artigo 2.º da Lei 259-936, manda adotar para a execução do Hino Nacional, a orquestração de Leopoldo Miguez e a instrumentação, para bandas, do Ten. Antônio Pinto Junior, do Corpo de Bombeiros do D.F., no tom original de si-bemol; e para o canto, em fá, trabalho de Alberto Nepomuceno. A História do Hino Nacional tem sido contada de oitva, muitas vezes, segundo afirmativa de Alvaro Miguez de Melo (1-4-945). Ayres de Andrade (21-11-945) escreveu a «Nova hipótese sobre a origem da musica do Hino Nacional»: teria sido escrita para comemorar a Independência. A três motivos históricos se atribui, sucessivamente, sua origem: — a Abolição, a Coroação de Pedro II, e agora, a Independência. Colaborando para sua maior divulgação damos a seguir uma tradução em esperanto — LA BRAZILIA HIMNO — de autoria de F. Valdomiro Lorens, gentileza da Liga Brasileira de Esperanto; uma versão em latim — *Hymnus Brasiliensis* — devido ao Prof. Mendes de Aguiar e a letra do HINO NACIONAL BRASILEIRO — em O.S.B., de autoria do Gal. Bertoldo Klinger, que também colabora na versão alemã. A versão chinesa agradecemos à gentileza de LIN YU e Adib Zarzur, da Cipolma (Cia. Industrial de Papel, sediada à Av. Tomaz Edison, 1737 - São Paulo). A versão árabe, agradecemos ao sr. Sabbah Naffah, conceituado comerciante na Praça do Rio de Janeiro, casado com a senhora brasileira, D. Georgeta Neves Naffah. Auxiliaram bastante na organização da presente coletânea, o Prof. Osvaldo Silva, o escritor paulista, Silvio Pedroso, o Comendador Agostinho Nunes Dias D'Almeida, Dr. Hermenegildo de Almeida e o artista patricio ALBERTO LIMA. Esperamos em breve as versões em italiano, quichua e japonês. Pensamos desta forma conseguir maior divulgação de nossa Patria, através da letra do

Hino Nacional brasileiro, vertida para muitas linguas e, portanto, facil de ser compreendida pelos homens de outros países de modo a realizar maior FRATERNIDADE».

Depois de semelhantes palavras, não há como citar aquelas outras do Presidente cultural e espiritual da Sociedade Teosófica Brasileira, em relação ao Brasil:

«Brasil, cujo nome indica que é nêle onde se mantêm vivas e crepitantes as BRASAS de AGNI, o Fogo Sagrado! Tu és o Santuario da iniciação do gênero humano a caminho da sociedade futura».

Viva o BRASIL!

ESPERANTO

LA BRAZILIA HIMNO

De Ipirang' la mildaj bordoj audis, jen,
chantan krion de heroa gento,
kaj de l' liber' la sunradioj brilis tuj
de la Patrujo sur la firmamento.

Do se ni de l' egaleco
garantion konkeris per brako forta,
en la sin' de l' libereco
nia Brust' defias ech je frapo morta.
Patruj' amata
adorata,
vivu! vivu!

Brazil', intensa songho kaj radi' de am'
kaj de esper' descendas al la tero,
se brilas de la Suda Kruc' la bela bild'
en via milda purchiel-etero.

Ginganta per la propa naturfonto,
koloso forta estas vi, sentima,
grandecon vian montras ja l' estonto.
Land' adorata,
che l' landoj mil,
estas Brazil'
Patruj' amata!
Vin servi volas chiu via fil',
Land' amata,
Brazil'.

Eterne en richega lit'kushante vi,
che l' son de l' mar kaj alta lum' chiala,
Brazil', sub sunradioj de la Nova Mond'
brilegas, Amerika perlo bela!

O! bellandoj ajn aliaj
havas viaj plachaj kampoj pli da floroj,
pli da viv' arbaroj niaj,
nia vivo pli da amo en la koroj.
Patruj' amata,
adotara,
vivu! vivu!

Brazil', simbolo estu de eterna am'
steloza via flago kvarkolora;
la verdo-flova de l' standardo diru ja:
Pac' en estonto, la pasinto glora!

EFEMÉRIDES DE NOVEMBRO

Esta Secção será, no presente mês, dedicada à tradição do "Dia de Todos os Santos" e à do "Dia dos Mórtoos".

ORIGEM DAS FESTAS DEDICADAS AOS SANTOS E AOS DEFUNTOS

EDMUNDO GONZALES BLANCO

Nos tempos primitivos os homens, não só personificaram, divinizaram, santificaram e veneraram o céu, a terra, os fenômenos físicos, os objetos inanimados, as plantas, os animais, a saúde, a enfermidade, a geração e o nascimento, como também, a morte e a imortalidade, convertendo-as em objeto de ritos e de solenes cerimônias. O culto aos mortos desempenha, do ponto de vista antropológico, um papel tão importante na mitologia de todos os povos, como o que desempenha o culto à Natureza, do ponto de vista cosmológico. Ambos os cultos, mais instintivos que racionais, posto que correspondam à realidade das coisas, formam a base de todas as religiões do mundo. Quanto mais penetramos no âmago e significado dos mitos primitivos, mais nos convencemos de que, na sua maioria, referem-se aos espíritos do céu, da terra e dos antepassados.

O culto aos mortos não pode ser separado da Natureza. O homem alcança de duas maneiras a noção do divino: a primeira consiste em adotar uma posição de curiosidade ou de temor diante dos demais seres da Natureza, repelindo porém, ao concebê-los ou adorá-los, toda outra espécie de natureza que não a sua, isto é, excluindo a própria natureza objetiva desses seres e transformando-a ou absorvendo-a na sua própria. A segunda maneira é o processo da mesma Natureza, que suprime de todos os seres individuais, o elemento temporal e... tal processo da Natureza é o da morte. Porém, como existam seres que, semelhantes aos astros, os montes, os rios, etc., não perdem jamais a sua individualidade e permanecem inalteráveis através dos séculos, não quiz o homem que os mortos tivessem mais uma existência efêmera e arranjam um meio de que seus espíritos sobrevivessem, uma vez perdido o laço que os ligava ao mundo sensível e atual. A função da morte reduzia-se a separá-los deste mundo e transportá-los a um novo (mundo) em que se conservavam os mesmos desejos, os mesmos inte-

rêsses e as mesmas paixões que em sua vida terrena. A morte só lhes tirava o que neles havia de particular e de contingente, mas não, sua força e potência psíquicas. Continuavam, pois, vivendo debaixo da terra e a sua alma encerrada no sepulcro (animam sepulcro condimus, de Virgílio). Em Roma o uso dos cenotáfios vem provar que, por não se poder encontrar o corpo de um parente se lhe oferecia uma cerimônia reproduzindo exatamente todos os ritos da sepultura, julgando com isso encerrar a alma no sepulcro, por falta do corpo. Tais ritos, tinham por fim o de fazer feliz ao morto debaixo da terra. Repetia-se três vezes: Ave, atque vale, juntando-se: Sit tibi terra levis. Os mortos, já que continuavam vivendo, exigiam um culto, que promovia os meios de que nada lhes faltasse... Assim, juntamente com os seus cadáveres, eram enterrados: armas, alimentos, bebidas e outras coisas mais (quando não, seus próprios escravos e esposa, pois, da mesma Índia, até há bem pouco tempo, a esposa se fazia queimar na fogueira, afim de acompanhar seu marido quando morria, rito esse que a Inglaterra fez desaparecer, embora que as viuvas ficando como uma classe inferior à dos parias, a ponto de se banharem no Ganges, depois do lugar que cabe àqueles). Várias tribus selvagens adotam ainda hoje o culto antigo de se enterrar com o morto tudo quanto em vida lhe pertencia.

Outro argumento a favor da analogia entre o culto aos mortos e à Natureza é de que o primeiro se tenha degenerado em fetichismo. O que perdura nos mortos, o que se mostra ainda aos sentidos, o elemento orgânico que não perece: os ossos. Assim é que, numerosos povos adoram os ossos (inclusive entre os civilizados de hoje, que os guardam em urnas e... muitas vezes dentro de suas próprias casas!...) e deles se servem para provocar sortilégios (haja visto, no Tibet as 108 rodela extraídas de ossos de crâneos e o mesmo «kangling» feita de um femur humano, para evocar elementais ou «espíritos da Natureza»). No Catolicismo vemos as reliquias (1), que atribuem aos fieis, grandes virtudes (indulgências, etc., que é o mesmo adotado por selvagens, sem falar ainda nos próprios corpos dos santos que por não se terem destruído demonstram «beatitude» ou «santidade» do ou da privilegiada, que encaixotada em vitreos túmulos para ser vista pelos «fieis» — são adorados e até beijados pelos menos exigentes em matéria de higiene). Não ficam, porém, aí as afinidades entre aqueles dois cultos já referidos: nas crenças dos tempos primitivos, os espíritos dos mortos ou dos antepassados, não só habitavam os túmulos e os seus arredores, como em todas partes do mundo e em todos os fenômenos da Natureza. Ao Arco Iris consideravam como um «morto malevolo», ou mesmo, uma fileira de mortos malfeitores, que subiram às nuvens para chacoatear das gentes e arrancar-lhes a vida; saíam dos infernos... e os próprios gregos exprimiam tal conceito,

CONT. DA PAG. 62

«Cruzes, cruces sem fim de cedro ou de granito.
De todo em topo, e monte em monte, e serra em
[serra,
Como braços de angústia abraçando o infinito,
Como punhais de dor apunhalando a Terra».

(1) Transcrito de OCULTISMO E TEOSOFIA, obra editada pela Sociedade Teosófica Brasileira em 1949, com plena autorização (nóta da red.).

(2) Brevemente será reeditado «O Verdadeiro Caminho da Iniciação», em edição corrêta e aumentada (nóta da red.).

(3) Reporte-se o leitor ao n.º 4 de «O LUZEIRO», Secção de «Conselhos Uteis» (nóta da red.).

CONT. NA PAG. 76

(Continuação do número anterior)

Os Seis Sistemas de Filosofia Índia (1)

VI — A «Uttara Mimansa» ou «Vedanta, ou seja, o sistema dos Princípios diretores do Rishi Vyâsa (2).



De todos os sistemas filosóficos Índus, este foi o que levou as conclusões do espírito humano à sua maior altura. A realidade última do universo, segundo a Vedanta, é a substância una, absoluta, que está mais além do sujeito e do objeto, que a origem da inteligência e do conhecimento, do Eu-consciência e da felicidade, que é UNO e não múltiplo. Chama-se BRAHMÃ, em sânscrito. Esta realidade é o mesmo que o BEM de Platão, que a COUSA EM SI ou essência da coisa de Kant, que a VONTADE de Shopenhauer, a SUBSTÂNCIA de Spinoza, a SUPER-ALMA de Emmerson, o DESCONHECIDO de Herbert-Spencer, a ESSÊNCIA DIVINA DO PAI CELESTE dos cristãos, ALLAH dos maometanos. Constitue a verdadeira natureza de Budha e de Cristo (palavras estas que significam a mesma coisa, isto é, ungido, iluminado). Penetra o Universo. E' una e universal. E' indivisível. Tal é a REALIDADE DO UNIVERSO segundo a Vedanta.

Este sistema reconhece a identidade da realidade objetiva do Universo, com a realidade subjetiva do Ego (ou Alma Superior do homem).

Elevando o Eu, ou seja, a verdadeira natureza do Ego para o divino, a Vedanta o une com a Divindade que é absolutamente pura, perfeita, imortal, imutável e una. Não houve senão UM no começo e não haverá mais que UM no fim, ao qual se chama *Atmã*.

A Vedanta une o céu e a terra, Deus e o homem, *Atmã* e *Brahmã*. Aceita as conclusões (corrêtas) da ciência moderna, ao mesmo tempo que nos diz que se a Verdade é una e não múltipla, pode haver várias expressões, assim como várias manifestações da mesma Verdade Una. Afirma que o objeto da filosofia não é simplesmente justificar as conjunções de sucesso que constituem a ordem do universo, nem apenas anotar os fenômenos que este oferece à nossa investigação, mas conduzir o espírito humano do conhecimento terreno ao que está mais acima do cognoscível. Devemos, pois, conhecer as leis do cognoscível, porém, ao mesmo tempo aspirar chegar mais adiante, penetrando no domínio do Infinito.

A filosofia Vedanta guia o homem por sobre os objetos de percepção e dirige as almas para o SER ETERNO ABSOLUTO, onde se encontra a solução de todos os problemas e respostas à tôdas as perguntas. Procura determinar a relação existente entre a alma e Deus, com auxílio dos mais rogorosos processos lógicos e tomando por ponto de partida a mais ampla generalização dos ramos da ciência.

“Eleva-se o homem na vida (espiritualmente) e choca-se com a família; si se eléva ainda mais, choca-se com o povo; si mais ainda, com a nação e por fim com o mundo inteiro”. (H. J. S.)

A Vedanta responde às três grandes funções de uma filosofia: 1.º) Fazer a síntese das ciências concretas; 2.º) Achar a origem dos conhecimentos. A ciência nos conduz até certo ponto que não podemos ultrapassar, porém, a filosofia (ou, melhor, Teosofia) começa onde a ciência termina; 3.º) Elevar nosso espírito até o Absoluto (de onde emanamos), resolver o problema da vida e da morte, explicar a origem do Universo, da existência individual, o objeto da evolução e auxiliar-nos a sair do domínio da ignorância e do egoísmo.

A Vedanta nos diz que a Substância Última do Universo é UNA e TRINA, podendo-se distinguir três qualidades ou atributos: SAT ou existência absoluta (o Ser ou o Verbo), CHIT ou inteligência absoluta, e ANANDA ou a felicidade absoluta.

A Vedanta ensina que aquilo que constitue a substância última de nossa alma, deve possuir: Inteligência, Eu-Consciência e Felicidade suprema. Deste módo, o sistema filosófico examinado fica colocado nas mesmas bases de uma religião universal monista, repousando sobre a identidade da natureza ou da substância entre o *Atmã* divino (Deus) e o *Atmã* humano (Alma), donde a afirmação de que a alma e Deus são da mesma natureza.

A Vedanta monista (Advaita) não admite a teoria de *Samkya*, da pluralidade de *Purushas* ou almas individuais, eternas e infinitas por sua natureza. Ao contrário, estabelece que o Infinito há de ser um e não múltiplo. Deste Um é donde surge a multiplicidade, sendo as almas individuais outras tantas imagens ou reflexos do Absoluto *Brahmã*. Deste deriva o Universo fenomenal que, no final da evolução, volta à Unidade donde partiu.

A Vedanta é o sistema mais espalhado na Índia moderna. No século oitavo, quando começou a decadência do Budismo, a Vedanta resurgiu graças ao trabalho de seu comentador SHRI SANKARACHARYA, um dos maiores filósofos do mundo.

(1) Aqui termina a apresentação sumaria dos Seis Sistemas de Filosofia Índia. Para o futuro estes sistemas, assim como muitos outros que existem no mundo, serão apresentados de forma mais desenvolvida, mais analítica. E o leitor inteligente poderá verificar, então, que todos os sistemas filosóficos existentes derivam de um Saber Unico.

(2) *Vedanta* vem a ser o Fim, o Objeto dos Vedas; *Uttara* significa posterior e *Mimansa* significa investigação, meditação.

CONT. DA PAG. 63

Sed se per justa glav' vi diras vorton,
ne rughos viaj filoj for de l' lukto
kaj vin amante, ne timos la morton.

Land' adorata,
che l' landoj mil,
estas Brazil'
Patruj' amata!

Vin servi volas chiu via fil'
Land' amata,
Brazil'.

O "MESSIAS" DE PÓÇOS DE CALDAS

H. J. SOUZA

Não se pode compreender como se brinca com assuntos da mais alta transcendência! A atitude atual de «certos centros espíritas» — pois que há outros dignos de respeito — mantendo a crença de pessoas de mediana cultura, principalmente sobre um assunto dos mais elevados, como é o da VINDA DO MESSIAS — é simplesmente reprovável. Não sabemos, mesmo, como a imprensa perde tempo com semelhantes «embustes», quando não falta motivos de maior importância para a mesma preencher as suas colunas.

Em uma anotação da Secção Conselho Úteis, neste periódico, no Capítulo I, intitulado *Que é EUBIOSE e o mistério dos ciclos*, seu autor — sob o pseudônimo de *Lorenzo Paolo Domiciani* — em carinhosa e fraternal linguagem, chama a atenção do conhecido «medium» Xico Xavier, para uma Mensagem por ele recebida, do grande escritor patricio, Humberto de Campos, a qual anuncia «a vinda do Avarata no ano 2.000. E que tal manifestação se dará num Estado central do Brasil, numa das suas estâncias hidro-minerais, com o nome de um santo da Igreja», esquecendo, entretanto dizer, que tal estância é São Lourenço e, conseqüentemente, o Estado é o de Minas Gerais. Outrossim, quais as Instituição e Pessoas que há longos 28 anos trabalham a favor de semelhante Verdade, pois que, além do mais, possuem naquele lugar um Templo dedicado ao mesmo avatara e à tôdas as religiões do mundo, o que não deixa de ser um fato, além de inédito, de imenso valor para a hora dolorosa por que está atravessando o mundo.

Óra, o Centro espírita de Poços de Caldas, com o nome de Humberto de Campos, no entanto, contraria a supracitada «Mensagem», apresentando o «messias prometido» em uma outra estância que não tem o nome «de nenhum santo da Igreja». Já isso bastava para se compreender o «embuste». Por sua vez, o bondoso medium Xico Xavier, sendo o primeiro «que não tem certeza se tais mensagens são suas ou dos espíritos que as subscrevem», devia procurar melhor investigar o que de verdadeiro nas mesmas existe, para não se darem «contradições idênticas à já referida». Mas, a humildade de Xico Xavier é tão grande que maior o torna aos olhos de todos. Desse modo, prefere o silêncio...

Além disso, o casal em questão — como «almas gêmeas» (mais um plágio para o tradicional termo, Gêmeos Espirituais, na Mitologia grêga, Helios e Seleno, Castor e Pollux, etc.) — pelo que se DEDUZ, deixou-se levar pela «sugestão de determinado espírito, como prova a ingenuidade com que o mesmo (cada qual a seu modo), narra os acontecimentos que se dão consigo... A pobre senhora já passou por 55 investidas de falsa gravidez, ou, como eles mesmos a denominam, de «gravidez fluidica», em apenas quatro anos... E o interessante é que «o avatara deverá nascer com 3 anos de idade».

Entretanto, um médico ilustre foi chamado para averiguar o caso, o Dr. Arthur Chaves, o qual — com muita propriedade — diagnosticou: «trata-se de um caso de Pitiatismo», isto é, dizemos nós, nome dado por Rabiniski à histeria, em virtude da mesma se caracterizar por sintomas que aparecem pela sugestão e desaparecem pela persuasão.

O mesmo Charcot, na Salpêtrière — que, se diga de passagem, abusava das suas doentes dessa natureza,

hipnotizando-as e obrigando-as a realizar cousas contrárias à sua vontade (o que é mais do que condenável) — obteve, com seus perigosos processos, casos idênticos, além de outros muito mais graves... Razão pela qual, a escola de Nancy entrou em choque com a primeira, chegando ao ponto de dizer que «Charcot não fazia outra coisa, senão, preparar uma escola de loucos»...

Cúmulo da CAUSALIDADE, e não «casualidade», o da referida senhora — além dos médicos que teve ocasião de procurar para se certificar da sua «gravidez» — o fizesse com o Dr. Romulo Cardillo (de família que nos é muito cara) e que nada encontrou de positivo a favor da suspeita da mesma senhora. A «causalidade», entretanto, é mais importante, ainda, porque seu atestado «foi dado no dia 10 de Fevereiro de 1949», data memorável para a Sociedade Teosófica Brasileira... em relação com o assunto por nós hoje criticado, justamente, por nos interessar de perto...

Quanto ao pseudo-pai do «messias», é estéril, como prova não ter tido filhos com a sua verdadeira «esposa», a quem abandonou, do mesmo modo que «sua alma gêmea» o fez com seu esposo, além de o deixar com duas filhas». Coisa grave, que outros procurariam esconder, enquanto «a moderna parêlha de pais do futuro avatara»... o dizem de público, com a maior ingenuidade possível... Vemos aí uma ridícula imitação do São José da Igreja romana, ao lado de Maria. De fato, nunca se viu esterilidade igual em assuntos de tão alta transcendência!!! Mas, também, de imensa fertilidade em matéria de «embuste»... Não acreditamos, entretanto, que os verdadeiros Espíritos estejam de acôrdo com ele, porque tal assunto é tão ridículo que não pode ser levado em consideração por pessoas de elevada cultura.

Até hoje, nenhum avatara necessitou dessas «arrançadas psico-fisiológicas» para vir ao mundo, nem que «sua mãe precisasse consultar a outros planetas», afim de saber como se conduzir perante a missão que incumbia a seu Filho. Os verdadeiros foram anunciados por Devas (ou anjos), como a própria Maria (ou Myriam), mãe de Jesus; Devaki, mãe de Krishna; Mayá, mãe do Senhor Gotama, e assim por diante. Ou então, por meio de visões (mais excelsas que as de hoje), das quais as escrituras, tanto orientais como ocidentais, estão repletas.

Além disto, tôdas essas manifestações da «Essência Divina», na Terra, obedecem à conjunções astrológicas (a «estrêla Guia» conduz os 3 Reis Magos ao Presepio, segundo o Novo Testamento, etc.), do mesmo modo que, sob a tutela cósmica de um signo zodiacal, tal como vai acontecer com o próximo, que é o de Aquarius. Os mesmos astrónomos — embora que se não preocupem com assuntos transcendentais, sabem muito bem que é o referido signo que iniciará o novo ciclo astrológico nos primeiros albos do século XXI. Entretanto, somente os «espíritos ignoram tal cousa, quando bastaria, por exemplo, um Camille Flammarion para ensinar semelhante Verdade, através de uma dessas mesmas «mensagens»... Muito pior que isso, tais «espíritos» também se contradizerem, e até plagiarem o que lêem, «como no órgão oficial da Sociedade Teosófica Brasileira, a revista DHARANA, com seus 27 anos de

vida agitadíssima... o que não deixa de ser uma vergonha para eles e quantos nos mesmos acreditam...

O Espiritismo é um fato. E como tal, merece todo acatamento e respeito. Mas, se dele se servem os «embusteiros», acabará caindo em descrédito. Que nunca precisemos testemunhar o que hoje afirmamos, através de documentos de imenso valor, são os votos que a nós mesmos desejamos... além do mais, porque entre semelhantes irmãos possuímos amigos — na estância de S. Lourenço — aos quais reconhecemos como «verdadeiros benfeitores da Humanidade», por seu espírito de sacrifício e bondade.

Bem razão tinha o meigo Nazareno em apontar, como a aproximação da sua volta (pois que a Essência é sempre a mesma), «os falsos messias e profetas», além de revelar «os sinais dos tempos»... E pelo que sabemos, os mesmos sinais ainda não se deram, mas se **darão**, sim, no comêço do supracitado século. Temos documentos, no Arquivo de nosso Templo, que apontam esses mesmos sinais, como podem testemunhar aqueles que têm o direito de manusear os LIVROS que a eles se referem... além de outras coisas mais, que dizem respeito ao FUTURO IMEDIATO DO MUNDO. Jesus manifestou-se sob o signo de PISCIS. E é tão verdadeira essa nossa afirmativa, que, ao lhe apresentarem a mulher adúltera, Ele desenhou no chão um PEIXE, isto é, o signo sob cuja tutela espiritual Ele se manifestara... E PISCIS é o último signo zodiacal na ordem cronológica, enquanto Aquarius, o imediato, em sentido de elevação ou subida, até chegar ao primeiro ou ARIES. E, assim, em descidas e subidas... os referidos Signos são sempre percorridos. A raça ariana recebeu tal nome do signo de ARIES, o cordeiro. Cujas raça apareceu sob a chefia ou direção espiritual de RAM (ou Rama), na planície do Eufrates.

Os mesmos termos RAM ou RAMA, fazem lembrar um «ramo racial». E a prova é que o referido **Manú**, à frente «ou à mão (Manus, etc.) de seu Povo, trazia, como símbolo, um ramo de ACACIA, da qual até hoje se serve a Maçonaria, como um dos seus (símbolos) mais em evidência. De tal alegoria, ainda, a Igreja copiou o «Domingo de RAMOS», quando Jesus entra em Jerusalem, à frente de seu povo, todos com um ramo na mão, montado num jumento, que antes deveria ser «um cavalo branco», como símbolo eterno do **Kalki-avatara** (com esse mesmo significado), e referente ao REDENTOR-SÍNTESE... Ao invés do **forçigado** nome de Jeová (ou, antes, **Jehovah** que os tais espíritos não souberam escrever...), as escrituras orientais O reconhecem debaixo de vários nomes, dentre Eles, MITRA-DEVA («o deus solar»), APAVANADEVA («avatara aquático», ou nascido sob o signo de Aquarius), e, finalmente, MAITREYA, como REDENTOR-SÍNTESE, com o significado de «Compassivo», pois, que **Maitri** quer dizer, além da mesma coisa, «o Senhor dos 3 mundos, das 3 **Mayas**, das 3 **Gunas** ou qualidades de Matéria. E sempre na razão da Triade Divina, como «Pai, Filho e Espírito Santo», para as religiões ocidentais, **Brahmá**, **Shiva** e **Vishnú** (ou a TRIMURTI, como 3 corpos, etc.), no Oriente. E até, no velho Egito, **Osiris**, **Isis** e **Horus**, etc., etc.

Pelo que se vê, estamos em franco domínio das «farças messiânicas», em oposição à verdadeira, que possui elementos de sóbra para provar a razão de tudo quanto afirma e pratica, a começar por seu magestoso TEMPLO. Neste, logo à entrada, encontra-se uma «pia

batalmal», ou antes, de consagração dos PUPILOS DA OBRA (como «semente da Nova Geração»), cuja «pia» é circundada pelos DOZE SIGNOS DO ZODÍACO, estando o de AQUARIUS voltado para a PORTA. Do mesmo modo que as colunas do ALTAR, possuem o mesmo SIGNO em seu redor. Na parte do fundo figura o excelso Triângulo com o ÓLHO DA DIVINA PROVIDÊNCIA no centro, antes dito, como o SUPREMO ARQUITETO. Um grande CALICE sôbre o referido altar, é a mais bela expressão da **Divina Comunhão** (ou FRATERNIDADE) que deve existir entre todas as criaturas. De cada lado, um candelabro de sete velas, representando os próprios Arcanjos, que também se chamam, nas escrituras trans-himalaias, DHYAN-CHOHANS, etc. No tétó, ou zimbório, uma cruz de quatro braços iguais, tem no centro uma rosa. Pelo que se vê, é o precioso símbolo da ROSACRUZ. O mesmo Cristo trás semelhante alegoria: no peito, o coração vermelho, é a Rosa. Ele, de braços abertos, a Cruz. Não falemos de outras coisas mais, que figuram no seu MUSEU, e que têm sido apreciadas pelos seus visitantes.

Só resta, agora, uma pergunta: para que «sinais dos tempos», se os mais valiosos entre todos, são aqueles que revelam «o fim de um ciclo apodrecido e gasto, para o ALVORECER de um outro portador de Paz e Felicidade para o mundo?» Sim, dentre eles, os falsos «messias e profetas»?...

J. IGLESIAS JANEIRO

O Departamento de Correspondência da SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA vai dar início a uma série de aulas sôbre os 78 Arcanos, analisando os 22 Maiores e 56 Menores e suas correspondências.

As referidas aulas serão organizadas com os elementos colhidos na magistral obra "Cabala de Prediccion", de autoria de J. Iglesias Janeiro, cujo autor, num gesto que bem caracteriza a superioridade de seu espírito empreendedor, honrou sobremodo a S. T. B. com a autorização expressa, no sentido de serem transcritos para as aulas do D. C. todos os elementos ligados ao tema que será abordado.

A S. T. B. ao anunciar tão auspicioso acontecimento não pode deixar de manifestar a J. Iglesias Janeiro o seu profundo reconhecimento, o que faz, prazerosamente, através de "O LUZEIRO".

CONFERENCIAS PUBLICAS

A Sociedade Cultural-Espiritualista "Cruzeiro do Sul", situada em S. Paulo, à Rua da Liberdade, 47-1.º and., realiza conferências públicas todas as Quintas-Feiras. Os temas abordados são os mais variados e profundos, incluindo estudos comparados de filosofias, ciências e religiões.

Leitor amigo! não perca esta maravilhosa oportunidade de aprimoramento da cultura e da inteligência.

"Ó Tu, Senhor, que fazes entrar o dia na noite e a noite no dia! Ó Tu, Senhor, que fazes entrar a Vida na Morte e a Morte na Vida! A Ti, mais preciosa é a tinta do sábio que o sangue do mártir". (Alcorão - Sura III)

CONSELHOS ÚTEIS

TEOSOFIA E EUBIOSE (Cont. do Cap. I)

LORENZO PAOLO DOMICIANI

Conforme foi dito na primeira parte dêste capítulo, «EUBIOSE é a CIÊNCIA DA VIDA. E como tal, é aquela que ensina os meios de se viver em harmonia com as leis da Natureza, e conseqüentemente, com as leis universais, das quais as primeiras se derivam».

Seus partidários, que se diga de passagem, são bem poucos, não visam outra coisa, sinão, através do Natu-rismo e de outros recursos de ordem elevada, estabele-cer novamente na Terra, as condições de vida em que se achavam os homens primitivos (de preferência, os atlântes, porque as primeiras raças não podiam ser tidas como propriamente ditas humanas... e só nos meados da terceira, que foi a Lemuriana, com a separação dos sexos, a Humanidade tornou-se digna de tal nome), não vendo, quer na civilização atual, quer na Ciência pro-fana, outra coisa, sinão, um caminho errôneo que a con-duzirá ao abismo fatal da degenerescência física, de tal modo que, se no referido caminho continuar prosse-guindo, chegará à completa ruína, para não dizer, desde logo, à irremediável extinção da espécie, obrigando à Lei que rege os destinos de homens e coisas (que é co-nhecida como **Dharma**, «a Lei justa»), a empregar di-retrizes diferentes daquelas já traçadas... Em tão pes-simistas apreciações oculta-se um cunho de Verdade tão profundo, que não seria possível apontá-lo — num tra-balho como este — com a clareza que só pode ressaltar da INTELIGÊNCIA daqueles que se acham à vanguarda dessa mesma Civilização, em franco declínio... E como tal, seus verdadeiros GUIAS e Instrutores. Tudo isso significa uma grande luta entre o BEM e o MAL — uma espécie de batalha idêntica à travada «no campo de Kurukshetra, entre lunares e solares», como a descreve de modo soberbo, o grande poema épico — **O MAHA-BHARATA**. «Campo» êste, que, em uma das sete chaves interpretativas, como deve ser lido o referido «poema», é a representada pelo grande campo da vida»...

Se a maioria dos homens continua sob o impacto, ainda, da consciência primitiva ao invés da que lhe com-pete, no presente momento de sua vida, lógico é deduzir, que mais «animal» é do que «humano». O mesmo termo sânscrito «Kama-manas» quer dizer «mental inferior». Isto significa que a Alma (ou **anima**, em latim) é quem governa, em vez do Espírito, como consciência superior **Manas-Taijasi**, para não dizer desde logo, **Budhi-Taijasi**, etc. que, em verdade, provêm do plano da Intuição, da Inteligência, ou do Lugar onde êsse mesmo **Espírito pon-tífica**. «Eureka!» dizem o intelectual, o cientista, o Homem de evolução mais adiantada que os demais, quando lhe «vem à Mente», algo que êle não esperava. E portanto, ignorava... Êsse fenômeno diz muito, prin-cipalmente num momento em que a Evolução Humana se acha em pleno INTERREGNO de um ciclo para outro. Fenômeno idêntico, por sua vez, ao das «pororo-cas no rio Amazonas», ou do encontro das águas do mesmo rio com as do mar, cujo ruído é ouvido de longe... Daí, a Missão em que está empenhada a SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA, ter escolhido por lema o SPES MESSIS IN SEMINE, ou «a esperança da co-lheita reside na SEMENTE». Momento êste por alguns aclamado como «ERA DE AQUARIO», e por outros, como, por exemplo, o grande polígrafo espanhol Roso de

Luna, «Era do Espírito Santo». (1)

Suprimir a civilização não tornaria com isso feliz o homem. Se os que da mesma se afastam, encontram — durante certo tempo — uma relativa felicidade (inclu-sive, por exemplo, «os que atraçõam a Missão de que faziam parte...», dizemos nós), porque, são **sêres enfasi-tados da vida, esgotados, tanto por sofrimentos físicos, como morais**, por isso mesmo, tal afastamento — uma espécie de «exílio», de «momentâneo socorro espiritual» — lhes serve de **MEDICINA**; porém, não tarda em sur-gir no fundo da Consciência, a Voz das aspirações hu-manas, os **nobres apetites** ou «anseios da Inteligência», além de que nos devemos convencer — como filhos que somos dessa mesma Civilização — sem Ela não pode-mos viver apesar de todos os seus defeitos (muito mais que isso, dizemos nós, nosso dever é auxiliá-la, é esten-der-lhe a mão, principalmente no momento doloroso por que está atravessando). Os ouvidos que, com subli-me anseio, se deleitaram com as Sinfonias de Wagner e Beethoven, não mais poderão suportar o rugido das feras famintas; os cérebros que se deliciaram com a no-bilitante embriaguês do entusiasmo científico e filosó-fico, não mais poderão suportar a monotonia das **auroras** e dos **crepúsculos**, no meio da paisagem agréste; busca-os, numa sofreguidão imensa, muitas vezes reden-tora, para, depois de algum tempo, despresá-los... e a seguir, novamente procurá-los, de modo quasi idêntico ao da tragédia Shakespeareana, ou do **To be or not to be...** do indeciso Hamlet. A atividade humana encaminhada, durante milênios, em luminosos roteiros (na razão do roteiro ou «Itinerário de IO», da Tragédia de Ésquilo) não é capaz de retroceder à eterna luta contra o perigo que constitui a condição primitiva, e na qual, o **triumfo** — como na maioria dos casos — **foi obtido pelo mais feroz...** qual acontece com as próprias guerras. Ao contrário, os homens de hoje aspiram por lutas futuras, em que, de modo diverso, a palma da Vitória pertence ao **melhor** (o Bom) e mais Sábio. O melhor da atuali-dade, não é aquêle que com maior habilidade sepulta as suas vitórias do dia no ventre pouco perfumado do lar, através de cochilos sonolentos, a ouvir o massacre de uma música, aparentemente clássica, mas nunca, abso-lutamente **NUNCA**, de Beethoven, Wagner, Bach e outros grandes estétas da Divina Arte, mesmo assim, torpemente maltratada por gargantas doentias e pianos desafinados (sem falar nas dos rádios, que colocam as da macumba, através de seus «pontos», verdadeiro graxar de patos e gansos... «no terreiro de Ubanda», dizemos nós). Sim, hoje os triunfos do **SABER** e da **MAGNANIMIDADE**, são os mais gloriosos. E tal fe-nômeno se firmará, cada vez mais, com a marcha, em-bora que vagarosa, do tempo, se a Humanidade quizer aplicar aos vícios e erros de uma Civilização, como mal endêmico que a consome, o remédio único da **EUBIOSE**. Tal remédio não é novo — como aquêles que aparecem dia a dia, seja o das ingratas **VITAMINAS** ou dos de-gradantes processos endócrinos (2) — nem quem hoje o relembra, ousaria orgulhar-se de o ter inventado, se é que alguém inventa alguma coisa. **Nihil novi sub sole**. Nunca deixamos de nos bater a favor da felicidade huma-na, procurando esquecer a nossa humilde pessoa. Êste é,

talvez, o nosso melhor remédio... não sei se nos compreendem. E com a diferença de que tal **ambição nasceu em nós mesmos**, entretanto a perfeição só poderá advir de Homens Superiores, que por trás de nós se ocultam, embora que, **nem sempre uns e outros, possam sair ilésos das batalhas** que, a cada momento, se travam à sua frente, tolhendo-lhes os passos... Sim, pelos inimigos da Lei, pouco importa se consciêntes ou não, desde que os homens passam, mas os **ERROS FICAM**. E bem podem servir de mau exemplo a outros...

Tais tendências (ou **Skhandas**, segundo as escrituras orientais, «que geram o bom ou mau **Karma** de cada indivíduo») e as várias maneiras por que elas se manifestaram na evolução humana, constituem uma **EUBIOSE**, embora que empírica e deficiente; o que, entretanto, não lhe impediu de derribar a teocracia e o feudalismo (inclusive na Revolução Francesa, «a flôr de Lis caótica dos Bourbons»...), abolir a escravidão, criar e desenvolver as artes e as indústrias, e influir na formação de tôdas as ciências, particularmente da Higiêne, cujos fins quasi se confundiriam com os da **EUBIOSE**, se não estivessem **DESORIENTADOS PELAS CONCEPÇÕES MICROBIANAS**. E precisamente, ao empirismo e deficiências desta Eubiose, embora que não constituída em corpo de doutrina, nem aplicada cientificamente, resulta que muitos aparentes progressos não foram, senão, a permutação de coisas ou tatos danosos ou prejudiciais, de sorte que, não poucas vezes, a «felicidade» suspirada pelos homens, tornou-se a chama luminosa em que está, por sua vez, **sintetizado o único ideal da mariposa** (isto é, morrer queimada na primeira «chama» para a qual seja atraída). Resumo de tôdas essas proposições: faz-se necessário estabelecer uma constituição científica de um corpo de doutrina eubiótica (e, portanto, teosófica), para que se aprenda, antes de mais nada, a melhorar «interiormente»; afim de que nossa atuação comece «pelo melhoramento dêsse mesmo interno para o externo (ou de dentro para fóra...) e, em segundo lugar, a interessar-nos pela felicidade geral da Humanidade (que bem poucos o fazem, preferindo explorar-se mutuamente), donde deverá sair nossa própria felicidade, como uma fôlha de loureiro só pode brotar de um ramo dessa mesma árvore, posto que, a felicidade egoísta, com o desprêso pelos demais, não satisfaz, absolutamente, a condição eubiótica do **melhoramento**. E aí nos encontramos com o principal fator nefasto, que falseou a verdadeira **EUBIOSE**, tornando-a empírica, mas, apesar de tudo, à mesma se deve o **Humano progresso**».

Tais condições de **melhoramento e felicidade, internas e externas**, apaixonaram, isolada e alternativamente, aos homens; raramente se as levou em consideração, tôdas juntas ou por inteiro; razão de nunca ter existido até agora a verdadeira **EUBIOSE** teosófica. A Eubiose científica está por construir. E tudo quanto temos vivido e realizado basta para proporcionar à essa vastíssima **CIÊNCIA** futura, seus primeiros materiais construtivos. **Aquêle que aspira a sua própria felicidade, raramente a relaciona em íntima interdependência com a felicidade alheia** (os próprios vizinhos nenhuma importância ligam uns aos outros pelos males que os afligem, as suas necessidades, etc. E ainda há quem fale de «caridade», palavra que tanto deprime a quem a faz como a quem a recebe, pois, o verdadeiro termo a ser empregado por Homens de elite, é o de **DEVER** ou **Dharma**...). Aquêle que aspira o seu aperfeiçoamento isolado dos demais, julga-se no dever de sacrificar, dêsse modo, **seus praze-**

res mais legítimos; o industrial desejoso de aperfeiçoar ou melhorar a sua produção, não leva em conta o melhoramento dos demais produtores, muito menos, a sua felicidade, senão que procura sacrificá-los, barateando o produto, desafiando competências, sem se lembrar que os aniquilados, os despojados dos seus haveres serão renovados, substituídos por outros, como se muda a peça de uma máquina, quando a mesma se acha gasta ou defeituosa. Uma grande parte da felicidade que o homem aspira, a obtem corrompendo aos seus semelhantes, enquanto que, no sentido eubiótico, **tôda felicidade, todo prazer que não contiver o menor vestígio de aperfeiçoamento, é fictício e ilícito**. Nas mesmas condições se acha, a chamada felicidade **SEXUAL**, ou do prazer dessa mesma natureza, prejudicando a verdadeira **felicidade eubiótica** de outros (3).

A Civilização, no seu presente aspecto, não equivale à eubiótica do próprio avanço das ciências e da cultura moral, que alcançaram alguns Espíritos Superiores. Uma Humanidade, que vem até hoje subordinada aos favores deíficos do seu comêço (a parte o que em matéria hierárquica diz respeito ao nosso Globo...)... de um modo ou outro, deforma os corpos e as almas. Dôr e Miséria, são o seu apanágio, justamente pela falsa felicidade de uma riqueza não educada, para falsos prazeres que obriguem aos favorecidos da fortuna a sorrirem dos fracos e dos humildes, além de aos mesmos darem o mau exemplo de os imitarem. Nesse caso, conduzindo-os ao crime, à prostituição, ao mesmo suicídio, mas... com aquêle sorriso do «Palhaço de Leoncavallo», que oculta as dôres que lhe corróem o coração!... Os pobres, por sua vez, julgam que resolvido o problema financeiro e liquidados os seus débitos, as suas angústias, **terão encontrado a verdadeira felicidade, como um sol que se irradiasse por trás de tempestuosas nuvens...**

Pobres e cândidas almas! Como poder explicar-vos as infinitas torturas que a vida moderna inventa para aquêles que julgam estar a coberto de tôdas elas? O rude camponês, cujo corpo fatigado cai inerte, como a própria árvore decepada por seu machado, depois de ter farto o estômago, com alimentos impróprios (atravesamos uma época, em que pobres e ricos se sujeitam a tais alimentos... inclusive à carne com alguns meses e até anos de frigorífico...), no entanto, mais feliz é do que o despreocupado ricaço, farto de champanhe e de **fois gras**, que provovo com repugnância, embora o esmérô do seu ativo e leal cosinheiro, também gorducho como o patrão, por ser obrigado a alimentar-se das mesmas iguarias... Rico, mas pobre de **saúde**, semelhante homem, que passa as noites inteiras a contar as badaladas do relógio, que lhe fica próximo, olhos abertos na penumbra, a sonhar, embora que acordado, com o que deve fazer no dia seguinte... sempre a aspirar algo que não lhe pertence, inclusive a real felicidade que, dia a dia vai sumindo, como sol que descamba no horizonte de sua vida!... A neurastenia já lhe pôs o sinête de fogo.

Os ricos não são melhores nem mais felizes do que os pobres; morrem do mesmo modo e, talvez, mais depressa o rico do que o pobre! A fortuna não é uma situação eubiótica na existência humana, senão, quando se a considere como um recurso poderoso para **concorrer para a FELICIDADE DOS DEMAIS, ou para as boas obras...** (4)

Não deseja a **EUBIOSE** o progresso e a **parasitaria euforia** de alguns às expensas do rebaixamento e infelicidade dos demais... Não deseja que as cidades —

mesmo que em benefício da sua estética — sejam uma méscia de custosos palácios e casebres imundos; arranha-céus, que desafiam a própria ira celeste, arrancando a vitalidade dos que neles habitam, como também, dos que são por eles engulidos, vivendo em moradas menores, algo assim como gigantes ao lado de pigmeus... monstros ou fêras enormes querendo devorar pobres animaisinhos indefesos! Sim, tudo isso de parceria com «barracos» cobertos de zinco ou de fôlha de Flandres, onde os pobres sêres que neles habitam, morrem de fome e de frio, contentando-se a «cantar as suas misérias... no alto dos morros, e já agora, nas estações de radios, através de chapas de vitrola, que lhes pagam os cá de baixo... alguns cruzeiros para lhes matar a fome! Nada disso é EUBIOSE, mas, a demonstração palpável do Mal, nas mãos de uma Civilização bastarda, por ser composta, ainda, de «homens animais». Não quiz até hoje o moderno sistema de casta deixar-se guiar pelas leis do MANÚ, pois, este Legislador ário, do qual já se falou na primeira parte deste capítulo — do mesmo modo que aqueles que O antecederam e sucederam — se preocupava com a felicidade de todas elas, isto é, desde a mais humilde até a mais abastada. Gandhi, na Índia, quiz relembrar, à custa de tremendos sacrifícios, os reais valores dos referidos códigos... Bem poucos o compreenderam, a ponto de ter morrido nas mãos de vulgar «assassino». Sim, o Manú sempre se preocupou, não só com aqueles que estavam sob a sua guarda (em verdade sua «espíritual Família»), como pelos demais que para Ele fôsse atraídos. Hoje, os administradores de todos os Países, não seguem aquelas diretrizes, ao contrário, deixam seu povo morrer à mingua, «mesmo que lhes prometendo muitas coisas, antes de serem eleitos, para depois faltarem com a palavra». Por que não dizer, «coisas e fatos de um Fim de ciclo apodrecido e gasto»...? O Manú de outrora sofria com a desgraça de seu Povo, com todas as suas situações penosas. E mesmo quando tinha de lhes infringir qualquer penalidade, era com os olhos rasos de lágrimas... Houve um Homem, em nosso seculo que amava, de fato, seu povo. Este homem foi o rei Alberto da Belgica, que a bem dizer, «morreu por seu povo»... Como este, raramente outro se encontra, a não ser um Franklin Delano Roosevelt, pois com este «a politica desapareceu no Ocidente, do mesmo modo que no Oriente, com o mahatma GANDHI».

Quanto aos condenados de hoje, bem que podiam ser uteis às suas Patrias; ao contrario, a propria prisão os arruina e degrada, além de provocar maiores aberrações não dignas de figurar neste estudo. Sim, poderiam ser o valioso tecido do organismo social e, no entanto, passam à categoria de trágicos «rasgões» desse mesmo tecido! Quem nada vale, em verdade, é o organismo social, pois, é o primeiro a prestar homenagens aos que, em seu seio, desempenham o papel de malignas «neoplasias»...

Pobre infancia de nosso País! Só na capital da Republica, «oitenta mil crianças se acham abandonadas», a bem dizer, «na escola do vicio e da malandragem». Assim o querem as leis que nos regulam! Prefere-se vê-las em semelhante abandono, do que trabalhando nas fabricas! Não falemos dos que lhes poderiam acolher e educar (nas escolas do Governo, como nas particulares, também se aprendem cousas não dignas de figurarem neste trabalho...) como, por exemplo, aqueles «veneráveis anciãos», que se deleitam nas avenidas e ruas de nossa capital (inclusive em frente ao Clube de Engenharia e na Confeitaria Colombo...) a «soltar» pilhe-

rias às senhoras e jovens que por ali passam. E à noite, se dirigem para o lar — contentes e felizes — como um general que volta vitorioso do campo de batalha, embora que aqui as armas sejam bem outras, isto é, as dos «olhares e palavras indiscretas»... Ou então, os que em vez de adotarem semelhantes «desprotegidos da sorte», preferem criar câis à «filet mignon», dôces e outros alimentos apetitosos. E à noite — com verdadeiro carinho maternal — colocá-los num berçinho perfumado... com FLIT e outros mais inseticidas, para que as pulgas não os incomodem. Além de custoso cortinado, com seu lacinho de fita azul ou côr de rosa! Sim, fatos, pessoas e coisas de um FIM DE CICLO APODRECIDO E GASTO. Para não dizer, desde logo, «O tempora! o mores!»

Enquanto isto, a EUBIOSE se propôu a concorrer para a Felicidade de todos; em uma palavra, deseja abolir o sistema das concorrências, onde a felicidade de uns é amassada com a infelicidade de outros; a riqueza destes, com a fome daqueles; substituindo — pelo sistema de cooperação simbiótica, isto é, que cada um possa melhorar e conquistar a felicidade, em proporção àquela que traz aos demais; que ninguém possa resumir a sua prosperidade e felicidade, de acordo com as daqueles que concorreram para as mesmas (isto é, para levantá-lo). Ao parasitismo-social, pouco a pouco vá substituindo a simbiose social, pois, doloroso é saber que as reformas sociais só se dão através de colisões e violências, quando o simples espirito de Humanitarismo, o inato sentimento da Justiça devia viver no coração de todas as criaturas. Isto sim, que sendo EUBIOSE também devia servir de fundamento à todas as religiões do mundo. E nem todas, a bem dizer, se lembram de semelhante coisa! Perdem o tempo envolvendo-se na Política. Ou arruinando todas as causas justas, desde que as considere prejudiciais à sua existência... Além de não quererem compreender que «o Poder Temporal é um e o Espíritual é bem outro», pois, como disse muito bem o Cristo, «Dai a Cesar o que é de CESAR. E a Deus, o que é de DEUS».

A Eubiose do homem isolado será, talvez, real em alguns «anacoretas do Cristianismo, em certos Sufis da Lei do Corão, ou em determinados sanyasis, em cuja nudez ascética, se refletem, ao menos, uma vez por ano, as aguas do Ganges. O homem vulgar, que é aquele que devemos estudar, e em quem devemos pensar... deixando de parte os casos excepcionais, é naturalmente sociável, e enquanto a sociedade se estabelece entre os sêres, já não mais pode ser, senão de dois modos: simbiótica e parasitaria.

Essas duas formas extremas de relações dos sêres, compreendem todos os casos possíveis, quer no domínio biológico, quer no sociológico. As células de um organismo, as abêlhas de uma colmêia, os membros de uma Instituição que trabalha pela coletividade (mais do que todas, Aquela que é hoje «o centro de irradiação espirital para toda a face terrena»), trabalham, sim, em SIMBIOSE. Na mesma razão das bacterias saprofiticas em nossas cavidades, e até a ação dos bacilos patogênicos, é simbiótica, quando, estimulando as defesas, procuram erguer o TONUS vital no conjunto orgânico. De não ser assim, tais bacilos que constituem uma das inevitáveis condições do meio cósmico, teriam feito desaparecer da face da Terra, a Humanidade muitos milênios antes do advento da Ciência moderna. E representa isso um fato importantíssimo que os bacteriologistas e, em geral, todos os partidários da doutrina microbiana, não devem jamais esquecer, isto é, «que os microbios pato-

gênicos assim o são para o inapto ao meio cósmico. Donde se conclui que a grande higiene que o esclarecido Ferran — como uma das maiores glórias da Medicina atual — faz consistir nas vacinas, a EUBIOSE é quem vai realizá-la, ou seja, encontrando o natural recurso dentro da Civilização, com a READAPTAÇÃO DO HOMEM AO MEIO CÓSMICO. Donde a reabilitação de suas primeiras relações simbióticas, com as que se tornaram agentes patogênicos.

Não só os microbios nos fazem comparáveis a tão magno problema, pois que, o mesmo acontece nas colisões políticas, com a vontade popular, quando ambas as partes perdem a sua simbiose, isto é, que a atividade de cada uma seja favorável à outra, em perfeita reciprocidade, tornando-se, então, a política um parasita do povo; as intrigas entre o capital e o trabalho, empenhados em se vampirizarem mutuamente, quando justamente, a sua maior vitalidade depende da sua harmoniosa simbiose, que, se diga de passagem, já vem em caminho... Isto equivale às relações entre a criança que ainda não nasceu, com a mãe que a conserva no seio, produzindo intoxicações, mais ou menos graves, nas mulheres mimadas da Civilização, na sua maioria em desarmonia com o mesmo Cosmos, prejudicando a própria RAÇA, não em vindouros, pois, com raras exceções, principalmente entre as camponesas, por viverem mais em harmonia com a Natureza do que aquelas, que são muito mais saudáveis. Por isso mesmo, sem os atavios, as futilidades das grandes cidades, sem falar no seu pestilencial ambiente; o parasitismo do lactante sobre a mãe esgotada, quando nas condições naturais a lactancia tanto é favorável a um como à outra. Eis aí outros tantos casos de Eubiose que se transformam em parasitismo. O lar também possui a sua simbiose frequentemente alterada pelo luxo; não entendemos por «luxo», o de em todo o lugar onde existam os necessários recursos, haja um certo conforto ou bem-estar, se renda culto, por exemplo, à arte em suas várias formas; por luxo, pois, entendemos todo desperdício que se faça sob o impulso da vaidade. A companheira do homem, que administra com critério a sua casa e trabalha sem detrimento de sua psiquis e de seu fisiologismo, sem emburlecarse nem afetar-se, está em simbiose com seu marido. Aquela que se entrega à ociosidade e com luxos inúteis, se converte na terrível preocupação financeira do homem, renunciando a sua nobre missão simbiótica, transformando-se, pois, em parasita... A mulher é a sacerdotiza do Lar. E como tal, deve ser boa Mãe, além de esposa virtuosa.

Tôda simbiose tem uma finalidade eubiótica, e, por conseguinte, a ciência eubiótica lhe confere o direito de estudar as suas perturbações e meios de remediá-las. Eis, pois, anotados varios casos, como exemplo do imenso campo de ação que à Eubiose incumbe, desde que seu papel é o de EMBELEZAR E APERFEIÇOAR A VIDA HUMANA, em todas as suas manifestações.

As condições de melhoramento e felicidade, como consequência da ação, tanto para quem a executa, como para os demais, no maior raio de ação possível, não podem ser jamais esquecidas, nem em uma alimentação, nem em uma educação, nem em um trabalho eubióticos.

A felicidade deve ser lembrada porque seu esquecimento é impróprio para a ciência positiva, já que provem da moral ascética, que aceitava de bom grado um mundo de dôr, para ganhar um céu como recompensa. A ciência positiva carece de elementos para afirmar ou negar a possibilidade de uma felicidade post-mortem. Tão pouco está em condições de pronunciar-se sobre a

existência, ou não, da alma e sua possível supervivência, ainda que, os mais conspicuos representantes da mentalidade contemporânea se mostrem, cada vez mais, respeitosos para com esse lado duvidoso, pois que outrora não o levavam a serio. Porém, qualquer que seja o destino póstumo de nossa individualidade e a ação das religiões e dos sistemas filosóficos espiritualistas a tal respeito, a Ciência positiva não pode considerar-se isenta de ocupar-se da felicidade humana (aí estão os «positivistas» que outra coisa não fazem, senão, pautar a vida de acordo com os seus princípios da EUBIOSE, mesmo que não teosófica, no imenso esplendor de seu Templo dedicado à Humanidade), «agora mais do que NUNCA», se estamos atravessando uma época de decadência cíclica, para outra NOVA, como o albor da manhã de um MANUANTARA, que somente não o percebem olhos não acostumados a tamanhos esplendores, por isso mesmo, sujeitos à cegueira nada simbiótica...

As orientações modernas indicam, por tôda a parte, um grande esforço para a volta à Natureza. Não a outro fim, respondem os desportos tão generalizados, a luta contra o alcoolismo e outras iniciativas semelhantes, embora que se esquecendo do intelecto e do espirito, que formam parte do ser humano! Sim, sua parte principal... Tem-se mesmo a impressão de que a alma da RAÇA esteja concentrada nos punhos dos boxeadores e nos pés dos jogadores de futebol. Basta comparar o público que se interessa por um match, com o que aprecia uma audição de música clássica... Responde, ainda, o frio glacial que refresca os entusiasmos, não só daqueles nossos intelectuais, que ousam, todavia, fazer conferências... senão mesmo os representantes da ciência estrangeira, precedidos de extraordinária fama, raramente basta para sacudir a nossa indiferença. Admitamos o jôgo ao ar-livre, mas condenemos as suas rudezas... Condenemos também uma parte de nossa muito ilustre imprensa, quando ocupa paginas inteiras em discutir qualquer desses jogos (do mesmo modo que o faz com os crimes...), concorrendo mesmo para intrigas e batalhas em campo, fóra da tecnica, ou sejam aquelas que vão às vias de fato. E até convertendo um simples jôgo, «como arte suprema», quando se fala em crise de papel, do mesmo modo, quando escasseia espaço para outras manifestações culturais, onde em vez dos pés, é o cérebro que intervem. Sim, tudo isso é menosprezar, de modo digno de critica — e das mais severas — o órgão pensante para enaltecer, escandalosamente, os órgãos PATEANTES. Donde os valores, também, «das corridas de cavalos»... Não nos atrevemos a falar dos «ponta-pés» e outros meios brutais com que se mimoseiam os contendores... para não termos de fazer uma estatística das pernas quebradas em campo, mas também, muitas cabeças. Assim, a conhecida e sábia sentença «Mens sana in corpore sano» se converteu em «mens... mais ou menos perturbada, em um «corpore», mais ou menos defeituoso, para não dizer, inutilizado.(5)

Não somos indiferentes aos importantes resultados da «cultura física» (de acordo com a Hatha-Yoga, que é «a ciência do bem-estar físico, como a Gnana-Yoga o é do aperfeiçoamento do carater» e a Satya-Yoga, da «mente» ou da Inteligência, de acordo com o corpo físico, a alma e o Espirito) em favor da perfeição da raça, mas, baseado no referido termo, em sua totalidade, e não com os defeitos da métrica... para não termos de atirar para longe o carôço de uma fruta, senão tôda ela, por não ser possível tragá-la!... A entidade humana é, antes de mais nada e acima de tudo, uma individualidade psíquica, cujo corpo físico é o instrumento ou

meio de **manifestação** (pois que o termo **per-sona**, ou **peço**, quer dizer: «aquilo através do qual o SOM se manifesta», desde que esse termo seja considerado como «Espírito»...). E o conselho de Spencer de «ser uma boa bête» («a bête rugidora que ainda vive no interior da maioria dos homens, em vez da verdadeira Consciência, ou esse mesmo «Espírito»), não tem outro fito, senão, o de dotar o artista com uma boa ferramenta. Sendo que a melhor entre todas, de nada poderá servir para aquele que não a souber manejar... E o «corpore sano» não é nem deve ser outra cousa, que não, uma superior psiquis (na Mitologia Grega, «Psiké anda em busca do seu bem-amado», o Espírito), sem o que voltaríamos ao tipo classico do gladiador romano, cujo **biceps**, **contraído**, era maior do que a sua cabeça.

Em compensação a tanto desperdício de **ficismo** e **musculismo**, que é uma das formas de regressão, mais ou menos bem entendida, para a Natureza, façamos constar que a «humana» não se satisfaz, de modo algum, com a atenção que se empresta a um dos seus aspectos e, tão pouco, se conforma com que outra ordem de coisas, a mente se submeta à **uma aridissima mecanização escolar e universitária**, que fazem de qualquer cidadão, que assim o deseje, em tão curto espaço de tempo, um **Doutor, um Medico**, mesmo que muitos desses «doutores», não tivessem em mente outra idéia, senão, a **caça de uma rica herdeira**, e a seguir, ótima posição política. **Bons caçadores**, sim, que além do mais, quando acertam na **caça**, matam-na, seja na fortuna do sogro ou mesmo no **doente**, este com maior propriedade!...

A Eubiose não admite o esforço estéril, quer para as energias orgânicas, quer para as potências mentais. Dela nos virá a finalidade e justificação de ambas as especies de esforços, não só, debaixo da face adotada, como de todas as infinitas modalidades da atividade humana. Com um critério eubiótico, por exemplo, poderiam ser organizados centros apropriados a todos os trabalhos, capazes de «dar musculos às pessoas, principalmente de profissão intelectual ou **sedentária**, pois que os operarias já possuem semelhante «sport». Um officio manual também seria o melhor meio de combater o artritismo dos negociantes e a dispepsia dos intelectuais; outrossim, um meio de vida, no caso de necessidade (principalmente para aqueles mesmos 80.000 infelizes jovens que perambulam pelas ruas e lugares escusos da Capital brasileira, como também da «bandeirante») pois que o dia de amanhã quase sempre é incerto. Como ainda, para poder avaliar as condições, as necessidades do operario, e por ele poder fazer alguma coisa de favoravel, pois que só pode avaliar o mal alheio, quem por ele já passou ou está passando... Sim, mais que elevado seria o «trabalho manual», como condição, ipso-facto, do operario que, **dentro do verdadeiro espirito democrático** — e sem necessidade de evocar doutrinas **avanzadas** — não deve ser, de modo algum, colocado em uma classe inferior, pois são as suas mãos abençoadas que fazem manejar o grande mecanismo «produtivo» de todos os povos da Terra.

E daí nasceriam reformas plenamente eubióticas, isto é, favoraveis ao aperfeiçoamento e à felicidade dos que são o seu objeto, aperfeiçoamento e felicidade extensivos, quanto possível, ao meio social. Sim, porque, onde se **pensa e trabalha**, não pode haver sofrimento, fome e miseria!... (6).

Nossa vastissima EUBIOSE não se dedica, pois, a propiciar a volta às condições primitivas da existência humana, mas, ao que elas possuem de favoravel — quer material, como espiritualmente falando à **Civilização**.

E quanto à esta, não deseja suprimi-la, mas, utilizá-la em proveito integral do homem. Basta a sua definição mais completa: **CIÊNCIA DO MELHORAMENTO DA VIDA**, em todas as suas formas e debaixo de todos os aspectos, com o fim immediato de assegurar a **FELICIDADE** a quantos à mesma se sujeitem.

E assim, a todos quantos — bondosa e pacientemente — nos vêm acompanhando até agora, desejamos uma **FELICIDADE INTEGRAL** e, conseqüentemente, **eubiótica**, na sua vida.

(Conclui no próximo número)

(1) A bem dizer, tudo quanto a ciência profana conhece em matéria etnológica, está errado, mesmo porque, é a primeira a reconhecer que houve uma época em que nenhum estudo concreto pode ser feito a seu respeito. E chama a tal época de **PRE-HISTORIA**. E isto, como será dito em outros lugares, por não mais se fazer uso dos Colégios Iniciáticos, onde eram dados todos os conhecimentos relacionados com a **Cosmogênese** e a **Antropogênese**. No entanto, existem Bibliotecas em lugares secretos do mundo, que tratam do referido assunto, além de outros de maior transcendência. Do mesmo modo que autores de grande envergadura, como Helena Blavatsky, Roso de Luna e poucos mais, apresentando aos interessados por semelhantes estudos, obras como **A Doutrina Secreta**, **Isis Sem Véu**, etc. (da primeira), e toda a **Biblioteca** (intitulada) das **Maravilhas**, do segundo, como «o maior gênio de nosso seculo».

Resta, pois, distinguir o Termo **Teosofista** (estudante de Teosofia), do de **Teósofo** (ou aquele que sabe, que conhece **TEOSOFIA**). Razão pela qual o **TEOSOFO** não precisa dizer que é **Ocultista**, e sim este, dizer que é **Teósofo**, sob pena de não ser nem uma cousa nem outra. Mesmo assim, a **Teosofia** que se conhece, não é, absolutamente, a que nosso **COLEGIO INICIATICO** está desenvolvendo em 4 séries distintas (A, B, C, e D) a quantos se acham alistados nas suas fileiras. Melhor dito, que desejem fazer parte da **SEMENTE** da Nova Civilização.

«**TEOSOFOS**», chama Cesar Cantu, na sua **Historia Universal**, a Paracelso, Van Helmont, Deleuze, La Fontaine, De Puysegur, Amonio Sacas, e até ao filósofo árabe Asin Palacios.

O Dr. Mario Roso de Luna tinha o número «7» em nosso Colégio Iniciático, como uma homenagem a ter sido ele «o Arauto da Missão dos Sete Raios de Luz», ou sétima sub-raça do ciclo ariano» (vide, além do mais, suas **Conferências Teosóficas na America do Sul**, ano 1909-1910, tendo estado neste último ano em nossa Capital). Antes de morrer, como quem faz entrega «do seu a seu dono», isto é, ao **Chefe da Obra** em que está empenhada a **S.T.B.**, pede à sua familia que envie, ao mesmo, os documentos por acabar, de sua ultima obra **O TIBETE E A TEOSOFIA**, pois somente 22 capitulos foram publicados em **EL LOTO BLANCO** de Barcelona. Sua familia, logo o mesmo abandonou o mundo, fez a referida remessa, com a qual — além dos seus proprios recursos intelectuais e **congênita clarividência** — escreveu mais 32 capitulos, ficando assim, tal obra com os 52 capitulos que foram publicados no órgão oficial da **S.T.B.**, a revista **DHÁRANÁ**, com **ilustrações adequadas**, pois, os 22 primeiros não as possuíam.

No entanto, a missão integral da **S.T.B.**, se referindo às duas Americas (onde se inclui a Central, como se viu na primeira parte deste capitulo), possui o nome mais que iniciático, de «**Missão Y**», ou sejam, «os dois ramos raciais que finalizam o ciclo ariano». Contrariamente ao que julga a ciência profana, **quatro raças antecederam** àquela que está em pleno desenvolvimento, ou melhor, no **Interregno** para o ciclo immediato. E como cada raça possuía sete sub-raças, ramos e familias, no desenrolar dos sete estados de consciencia porque tem de evoluir a Mônada até a meta final das cousas..., estamos, justamente, no 5.º sub-ramo da 5.ª raça (Aria), faltando duas raças para o seu término. A seguir, virão as duas últimas raças-mães, com as respectivas sub-raças, ramos, familias, etc. Em outro estudo, procuraremos desenvolver semelhante fenômeno, por ser um dos mais importantes ensinamentos da Teosofia, ou antes, da **SABEDORIA INICIATICA DAS IDADES** pregada por todos os **Illuminados** que a este mundo vieram.

(2) Não vamos nesta simples anotação tratar de um assunto tão complexo, como é o da **Medicina**, tão estreitamente ligada, em matéria de higiene, ao verdadeiro **Naturismo**. Tal cousa o faremos, no respectivo capitulo desta Secção, cujo titulo **CONSELHOS UTEIS** é bastante para demonstrar que, no mesmo vamos abordar todos os setores da **Vida Humana**. E, portanto, como ensinamentos teosóficos aplicados à época actual, representam a verdadeira **EUBIOSE**. Sim, porque, como tudo mais, inclusive «**Falsos profetas e Messias**», não faltam **letrados**

que já tenham abordado o assunto, sem que, no entanto, conheçam a fundo as questões que dizem respeito à Pré-História. Os livros sagrados do Oriente, as próprias «pedras que falam»... e que existem por toda a parte, são testemunhos vivos de todo o passado evolucionar da Mônada a caminho da Méta final das cousas.

Aqueles que, por exemplo, preconizam como alimentação racional para o homem, a por eles chamada de «naturalista», ou em harmonia com a Natureza, pedimos licença para os conduzir aos tempos gloriosos da Atlântida, quando em pleno período da Satya-Yuga, «Idade de Ouro», mas também, da «Eterna Primavera!» Este ultimo nome diz tudo: uma unica estação e não quatro, como aconteceu depois da grande catástrofe, que concorreu para desviar a Terra 23° de seu eixo primitivo. Desse modo, os proprios homens começaram, desde então, a se apresentarem sob o aspecto quaternario da propria Terra, no que diz respeito a «temperamento», isto é, surgiram os quatro tipos que até hoje dão o que fazer aos proprios médicos: linfático, bilioso, nervoso e sanguíneo, na escolha de medicamentos e respectivas doses para a complexidade com que, em cada um desses tipos, se apresenta a mesma doença. Razão de se dizer que «existem doentes e não doenças». E também, ao grande médico francês, mais que experimentado em matéria de intolerâncias e idiosincrasias: «Je vive a batoner le malade et la maladie. Heureux le malade quando je bête la maladie». E razão ainda, senhores «naturalistas» que ignoram o passado evolucionar da Humanidade, porque um «linfático» não pôde alimentar-se exclusivamente de vegetais e frutos, do mesmo modo que um sanguíneo, exclusivamente de carne. Muito pior se o primeiro, por exemplo, for filho de pais tuberculosos, ou, de acordo com seu «Karma patológico», coisa que a Ciência oficial, nem certas religiões não admitem, pois, como disse muito bem o Senhor Gotai, a (príncipe Sidharta de Kapilavastu), «ninguém nasce numa familia ou Patria, que não seja a sua». E quando aconselha aos seus discipulos a maneira de proceder na vida, com estas memoraveis e sapientissimas palavras: «Luta em primeiro lugar pelos de teu sangue (a Familia) e da tua raça (a Patria). E guarda os teus «sidhis» (poderes psicicos, bens adquiridos em cada existencia, etc., e não os desperdice, dizemos nós, como querem fazer outros, abandonando as coisas do Mental ou da Inteligencia, que são o apogeu da raça actual...) para a vida futura». Como se vê, RELIGIÃO, PATRIA E FAMILIA, já era velho slogan iniciatico, porque «a Religião» nesse caso, era o proprio Buda, que dava semelhante ensinamento. E não que tal slogan fôsse aclamado por uma das muitas «ideologias bastardas» que figuraram e continuam ainda figurando «neste Fim de ciclo apodrecido e gasto»...

Voltando aos «falsos naturalistas», mesmo que levados pela melhor das intenções, não é «pela adoção de um sistema unico alimentar que a Humanidade voltará ao que era nos tempos gloriosos da Atlântida. De fato, naquela época os homens sendo de uma só e mesma natureza, sua alimentação era, principalmente, a frugívora, acrescida de alguns cereais e de oleaginosos.

E quanto à queda da Atlântida, completamente desconhecida dos proprios Ocultistas e Teósofos, teve lugar justamente «pela confusão estabelecida entre deuses e homens», pois que as proprias escrituras sagradas do Oriente, e a propria Igreja no Ocidente, afirmam que «os anjos se uniram às filhas dos homens», etc. No que a mesma Igreja incorre em erro, é que BABEL não quer dizer «confusão» e, sim, «Porta do Céu». E foi justamente em certo LUGAR sagrado, que possuía tal nome, onde se deu a revolta. O País possuía sete cidades ou «cantões», cada um deles governado por seu rei (os chamados «Reis do Edom», do Edem ou Paraiso terrestre), havendo um oitavo, dedicado à propria Divindade. «Querem escalar o céu» — como diz a Biblia — é o mesmo que querer invadir o supracitado «PORTAL celeste». A bem dizer, essa oitava Região continua sendo até hoje, a gloriosa SHAMBALLAH (Shamb-Allah, ou «mansão dos deuses»...), pois que, de se chamar «Ilha imperecível que nenhum cataclismo pode destruir», se torna a CIDADE ETERNA de nossos Ensinamentos ou Revelações de hoje.

«Confusão» ou anarquia, sim, as varias que já se deram no mundo, «todas as vezes que a Humanidade se afastou de Dharma (a lei justa), caindo em Adharma (o contrario), como agora mesmo está acontecendo. E, consequentemente, sujeitando-se ao castigo cármico (de Karma, «causa e efeito», ação e reação, etc.), de acordo com a promessa do proprio Espirito de Verdade, como já foi apontado, através da respectiva transcrição do poema épico «O Mahabharata», pela boca de Krishna ao seu discipulo Arjuna.

Do mesmo modo que a Atlântida foi castigada, como um grande continente, assim foram, também, pequenas cidades, dentre elas, Sodoma e Gomorra, a propria Cartago. Por desgraça, o mesmo se dará — dentro em breve — com outras duas

bem nossas conhecidas! E ai daquele que pensar ao contrario! Não há como repetir as três ameaçadoras palavras: MANE THECEL PHARES, «pesados, medidos e contados», que é a sua verdadeira interpretação, mesmo que «contados serão os teus dias», não estivesse de todo errado.

(3) No prefacio da valiosa obra do saudoso poligrafo e Teósofo espanhol Dr. Mario Roso de Luna, intitulada *Aberraciones psicicas del Sexo*, encontra-se o seguinte:

«O ser humano se acha crucificado no Sexo, podemos dizer, desde que nasce até que morre. Semelhante limitação orgânica é a causa principal de suas lutas, de suas desditas da existência.

Há no dialogo «O Banquete do Amor», diz E. Gomes de Baquero, uma passagem onde se transcreve estranha mitologia, que fez caminho pelo Oriente e ressuscitou no Ocultismo moderno. E' aquela em que... Aristóteles descreve a Humanidade como tendo tido, outrora, uma forma diferente da que conheciam os gregos. Compunha-se ela de homens duplos de três classes: uns, varões; outros, fêmeas; e outros, mixtos de varões e de fêmeas: os andróginos. Tais seres, que eram como uma sólida parêlha de irmãos siamêses, foram fortes e audazes. Conceberam o plano de escalar o céu (dónde a Igreja copiou o termo «Torre de Babel», como significado errôneo do termo BAB-EL, pois, o verdadeiro é, «Porta do céu», portal celeste, etc...) para lutar com os deuses — tal como acontecera em dias mais remotos, ainda, com os Titãs; Jupiter quiz castigá-los, faltando-lhe, porém, coragem para aniquilar tão soberba classe de seres, alem de que isso poderia privar o Olimpo dos sacrificios que os mesmos lhe prestavam (o mesmo termo Jupiter, dizemos nós, provém de Jove, Jehove ou Jehovah). Adotou, então, um termo médio: dividiu os homens duplos em duas metades, às quais Apolo (o Sol) deu os necessarios retoques, afim de os tornar mais perfeitos. Foi quando nasceram as atrações de amor, as naturais, e aquelas que o homem normal considera como aberrações, pela nostalgia de cada um pela sua metade perdida («minha cara metade», é termo ainda hoje empregado, da parte do homem para com a sua esposa. Enquanto os poetas a chamam de «alma irmã», etc.).

Os teósofos modernos citam os andróginos platônicos, como reflexo da antiga tradição esotérica de uma raça afastada, «como bi-sexuada», e de acordo, também, com certo versículo da Biblia, que diz: «Macho e fêmea o criou» (embora que, interpretando de modo grosseiro, a velha tradição, por não possuir os conhecimentos necessarios para um dos fenômenos mais importantes da Antropogênese), dentro da exegese biblica, como expressão abreviada da criação da primitiva parêlha, em a narração em que foram copiadas as duas versões do *eloista* e do *jeovista*.

Não realizada, entretanto, a emancipação do crescimento, da vida intra-uterina à puberdade, o sexo alcança, plenamente, com esta, seus tirânicos direitos... E' o que, acompanhando Freud, o illustre Dr. Marañon, por sua vez, afirma, em suas diferentes obras (*Amor, Conveniência e Eugenesia, Estudos Inter-sexuais na especie Humana — Madri-Morata, 1929*), «que a vida começa a cobrar semelhantes direitos, muitos anos antes, fixando a idade dos cinco anos como os pródromos da sexualidade (vide obra «Os Misterios do Sexo», do Presidente da S.T.B. — Prof. Henrique J. Souza, capitulo intitulado «Comentando Marañon e Freud»).

E continua o mesmo autor citado:

«E logo que o sexo começa a impôr seu categórico imperativo orgânico, nunca mais o perde. Em resumo, quando o homem está em idade mais avançada (ou em pleno climatério), do mesmo nódo que a mulher (no da «menopausa», que tanto vale), o sexo descamba de modo estranho para diversas especies de mistelismo, que a Ciência actual está bem longe ainda de conhecer. E' «a ferida de Anfortas, no Parsifal de Wagner», a chaga terrível, difficil de curar, a eterna propulsora de grandezas e de loucuras, de heroísmos e de crimes, de sonhos, de esperanças e de desilusões proteicas; da arte, em suma, da Historia e da Vida!

A crucificação no Sexo e pelo Sexo não se manifesta apenas no homem. Dela compartilham os animais, se é que em si não representa ela a característica animal de sua complexissima contestura, à guisa da simbólica flôr do Loto, com as suas raízes no fundo do lago; seus talos emergindo das aguas tranquilas; suas folhas estendendo-se — verdes e louças — nos ares, e suas flôres, alegria de nossa vista, saturando de fragrâncias todo o seu redor (nas mesmas condições, segundo o grande Maeterlinck, «a Valisneria, que vivendo no fundo do lago, vem — no momento propicio — unir-se ao macho que vive na superficie das aguas. E dessa «união heroica» surge a futura flôr, gerada no seio da primeira, enquanto a outra, desfeita em pétalas, vai ter às margens do lago, cadaver idéntico, dizemos nós, ao do zangão — no mundo dos insetos — ou seja o do vôo nupcial, onde aquele perde a vida em beneficio do filho, que vem, no seio da «rainha-mãe» de determinada col-

meia, para ter, no futuro, a mesma sorte do pai...).

A Idade Média, na noite de sua ignorância, não foi muito além do problema do sexo, até que apareceu o sabio Lineu, surpreendendo o mundo com a revelação do sexo nas plantas, e tendo nas flores — o maior encanto da natureza animada, depois da mulher — um tálamo de amor, o cego amor vegetal! tálamo em que, sobre o cálice floral — havia de ser, em dôres e amarguras! — masculinos estames, e femininos pistilos, unindo-se sublimemente, no policrômico seio da corôla circunvaladora, para dar nascimento à semente, como futuro germen de outras plantas análogas, querendo opôr-se, com a sua continuação indefinida sobre a Terra, à destruidora ação da Natureza, realizando, assim, mais uma vez, o conhecido aforismo de que «o Amor é maior do que a Morte», e que, *Mora-Amor*, Morte e Amor — como o titulo genial da maior das obras de D. Juan Valera — são os dois pratos da Balança da Vida, cuja oscilação eterna, que muito possui do fluxo e refluxo das marés, concorre para manter a economia do Universo, vencida pela Especie, que é o verdadeiro sentido do que pretendiam dizer os velhos textos indús, através do simbolismo da eterna luta entre BRAHMÁ criador (Brahmá não é, propriamente, Deus, como vulgarmente se pensa, mas o GERMEM da raiz sânscrita BRIG, crescer, estender-se, propagar-se, etc.) e SHIVA, o destruidor, ou antes, o reformador, para as novas ou futuras criações...»

E mais adiante:

Muito tem ainda a estudar a Ciência a respeito do misterio do sexo em a Natureza, não se limitando, apenas, a animais e vegetais (além do homem), mas, estendendo-se a tudo quanto nos cerca: minerais, átomos, moléculas, células e astros (os próprios cometas, dizemos ainda, não possuem outro papel na construção dos universos, pois, como se pode verificar mesmo que a olho nú, através, por exemplo, dessa «poeira cósmica», representada pela VIA LACTEA, que outra coisa não é, sinão «espermatozoários ejaculados — perdão — o termo — pelo» referidos «astros errantes», embora que hoje, palpitantes de vida, estejam passando por uma outra transformação independente dos mesmos astros) ao estudo do Sexo Universal, a Chave Mestra dos segredos do Cosmos, porque, se o sexo, em si, é limitação, a união dos sexos contrários, é propagação Indefinida: a finitude da DUALIDADE vencendo, com a sua reciproca compenetração, o Infinito (é o «Pai-Mãe cósmico», a que se referem as escrituras teosóficas e ocultistas).

É isto porque, tanto orgânica como filosoficamente falando, o fenômeno da união sexual, não é mais do que a cessão que o elemento chamado masculino faz ao feminino, de algo que aquele possui e este carêce, razão pela qual a sabedoria da Linguagem (ou Filologia) — uma das chaves mais preciosas do Misterio que nos cerca — ao mesmo fenômeno denominou de «Comércio sexual», idêntico, pois, ao fenômeno comercial, nascido com a Humanidade em forma de troca ou cessão de algo que se possui e dele se não necessita, por sua abundancia, em troca de algo que se não tem e precisa (ou deseja), é comum a tudo quanto existe no Universo, constituindo, desse modo, a mesma Essência da Vida, que é precisamente: «Vida pelo Sexo».

Destarte, a própria Química não vem a ser outra coisa sinão, o estudo do sexo em moléculas e átomos. Se a Filogenia e Ontogenia nos ensinam que «a vida terrestre nasceu no mar (donde a passagem Mitológica de «Venus ter nascido da espuma das aguas», ou então, «a deusa Narayana vogando sobre as aguas, em cima de um cubo», etc...), isto é, da AGUA (ou Apas, como Tattva ou força sutil da Natureza, anterior a Prithvi, ou Matéria, etc.), a Química moderna já comprovou a existência de tal principio que, na presente obra, não nos é possível, cientificamente desenvolver, ou seja: de que todas as reações químicas produzem agua ou decompõem agua; ou, finalmente, quando esta não se apresenta por falta de algum dos seus componentes, colocam os elementos de reação, em condições de produzir agua ou decompôr a agua em uma reação posterior (caso tipico, por exemplo, o do triclórêto e o pentaclórêto de ióforo, que se combina com enorme energia, e logo que se apresenta a agua, à esta decompõe, formando os ácidos fosfóricos e clorídrico).

Dai, se a agua é a Mãe, e «aguas-mães» ou «marinhas» (Maria, provém de «mare», o mar, as aguas, etc.) são chamados, certamente, os residuos da cristalização por via húmida, a Agua, é por sua vez, o filho (como fruto, produto, etc.) em toda a reação de ácidos e bases para formar o sal (união dos residuos, ligaduras post-copula, como se poderia dizer, o que não é estranho algumas vezes no reino animal), sendo, além disso, a agua o protótipo do androginismo químico, porque, embora o voltâmetro decomponha a sua molécula em um átomo de oxigênio e dois de hidrogênio, a verdadeira rotura da agua nas reações, a torna em duas partes: uma de um átomo de oxigênio (O), que age nas reações à guisa de elemento ácido,

e outra de oxidrilo (OH), que, por sua vez, age como elemento básico, tornando-se, assim, da agua, por seu H hidrogénico, o ultimo, o menos ácido dos ácidos, e por seu OH oxidrílico, a primeira ou a menos alcalina das bases o que, com seu maior calor especifico, é a causa da decisiva importância da agua em a Natureza».

E tudo isto para demonstrar que o fenômeno sexual, vivendo em tudo e em todos, não é um prazer, mas uma necessidade fisiológica, que o vulgo prefere pagar a bom preço, arruinando a sua vida, fisica e moral ou psiquicamente, por não querer aceitar o sábio conselho latino do «*Ut, non abuti*», o qual deve ser aplicado à todas as coisas da vida (donde a indignação por comer em demasia, a embriaguez por fazer uso exagerado do alcool... e assim por diante). Por isso que, nenhum outro remédio melhor para as pessoas mais consentâneas com a propria Natureza, do que o matrimonio, ao qual já tivemos occasião de chamar de «amor a UMA só dimensão (ou antes, «numero Um», que deve ser a esposa, como companheira escolhida na formação do LAR). Assim o exige, não só a moral, como a razão. Fóra de tal preceito, sobrevêm o crime, a doença, a morte. Mais uma vez dizemos: Amor e Paixão são duas coisas diferentes. O amor é o equilibrio perfeito entre duas pessoas que se amam, compreendem, etc. A paixão, uma simples maneira de saciar desejos incontidos...

E é a razão pela qual o autor que estamos transcrevendo e comentando, tem mais estas palavras em *Aberraciones Psíquicas do Sexo*:

«Microbio moral algum existe que ataque tão diretamente a Santidade do Sexo, como a má literatura tão em voga atualmente no mundo (inclusive, nas bancas dos jornais...), desde as cruezas de «As Mil e Uma Noites» árabes (não, as Mil e Uma Noites primitivas, ario-indús, hoje perdidas, e de cuja grandeza só podemos ter conhecimento através das traduções erroneamente feitas para o francês pelo Dr. Madrus e para o castelhano, pelo nosso Blasco Ibañez), até a obra do abade Villars, que vamos comentar através toda essa literatura medieval, conhecida com o nome genérico de «literatura picaresca», e hoje continuada, através de lamentabilissimo éxito, por escritores colocados nas primeiras filas; por isso mesmo, procurando semear, com as pétalas de rosas do seu primoroso estilo, a esterequeira da misera realidade que deveria ficar em silencio, em honra da propria Verdade, já que elas, por sua vez, representam uma verdade animal, e não «humana verdade». E isso, no sentido de sublime ideal literario, que voando à imensas alturas, não procurasse alcançá-las, justamente por sua propria elevação, já que a verdadeira ARTE deve ser encontrada sempre muito acima da realidade, melhor dito, dos «crús realismos», que não são mais do que uma parte minima e inferior daquela Realidade, tal como para a Terra se acham os proprios sóis do Firmamento».

As questões do SEXO — principalmente quando dele se faz uso contrario às leis da Natureza, quando do mesmo se abusa, em detrimento da saude do corpo, da alma e do espirito — foi sempre a maior de todas as causas para o castigo de um povo, de uma civilização, de um País inteiro. Da mesma Sodoma surgiu o bem conhecido termo «sodomia», que se emprega para a perversão do SEXO.

Que dizer das pessimas leituras — sejam de livros ou de revistas — que nas proprias bancas de jornais existem, sem que as autoridades competentes levem em consideração um dos fatos mais degradantes para a nossa propria Raça, a começar pelos jovens que se comprazem com semelhantes leituras, se não bastassem as de gangsters, ao lado das de «heróis de fancia», que tanto vêm concorrendo para a modificação do carater de nossos filhos. Basta vêr como a nossa infancia se comporta em casa ou na rua, sempre esgrimindo uma arma de ferro ou de matéria plastica, ou em lutas corporais, donde muitas vezes algumas delas saem feridas...

Que dizer, ainda, dos que «vivem de esperanças malogradas», jogando em loterias, reais ou ficticias, pois que desta especie também há algumas — uma delas na capital bandeirante, que seus donos (banqueiros do Jogo do Bicho) lhe arranjaram uma «patente». E que finge explorar sorteios de cigarros, perfumes e outras mercadorias, pois foi o melhor meio que encontraram para suprimir os dias que a Loteria Federal não corre. Seu nome ficticio — PARA TODOS, diz bem do que a mesma representa: PARA TODOS PERDEREM NA CERTA, pois, seus resultados repetidos, diariamente (a maior de todas as vergonhas, que em qualquer dicionario se encontra nas letras «L» e «R...»), causaram revolta por parte dos mesmos jogadores, no proprio recinto das extrações, obrigando «os exploradores da credence publica, da NOVA ESPECIE...» a pespegarem na parêde, o seguinte AVISO: «Quem não estiver de acôrdo com as extrações desta loteria fiscalizada (o grifo é nosso) pelo Governo, que não venha assisti-las. Isto significa,

na mais barata de tôdas as psicologias: «Perca e não reclame». Sim, fiscalizada também pelo Governo, é a Loteria Federal! E não faz muito tempo (tôdos devem estar lembrados) um dos seus fiscais «tinha um calculo para ganhar na certa». Mas os banqueiros do Bicho que não quiseram pagar os 800.000 cruzeiros que o mesmo acertou num «milhar», fôram reclamar da mesma Loteria, obrigando-a a vir pela imprensa desculpar-se... de algo que não tinha nenhuma culpa. O caso foi comentado, um tanto desairosamente, pela propria imprensa carioca... Mas, o povo, ou antes, os tais das «esperanças malogradas», continuam a jogar perdendo, enquanto outros, estes sim... ganham na certa. Si non e vero... Quanto aos tais «banqueiros», preferem a PARA TODOS... perderem.

Sôbre este e outros muitos assuntos que concorrem para crimes, suicídios, roubos, desempregos, etc... falaremos, mais detalhadamente, no capitulo II deste estudo, como foi anunciado em o número 4 (de Setembro) desta revista, pois que tôdas essas cousas o sabemos, além de muitas outras, pelo fato de há bastante tempo — vimos acompanhando a *Marcha dolorosa da Humanidade*, através da estreita Verêda da Vida...

(4) A pag. 127 de *O Verdadeiro Caminho da Iniciação*, do Prof. Henrique J. Souza, encontra-se esta valiosa passagem, quando o mesmo fala das sinas cêrtas da quêda da civilização:

«Quanto ao crime, esse outro indicio certo da mesma decadência, é dele responsavel a propria sociedade, não lhe cabendo, por isso, o direito de reclamar contra aquilo que tanto rebaixa o seu prestigio.

Já dizia o Visconde de Bonald: «Esperar o delito para o punir, quando é facil corrigi-lo, é uma barbarie inutil, um crime de lésa-humanidade, que deshonra um código e um governo».

Inconscientemente ou não, os favorecidos excitam os apetites das classes inferiores, e não será arrojando, aqui e ali, um porta-moedas mais ou menos recheado, que se conseguirá acalmar a sede de ouro entre os desherdados. O exemplo tem que vir de cima, se é que se deseja pôr termo aos sentimentos de inveja, que explodem em fôrma de roubo, assassinio ou anarquia. Quando um povo colocar a instrução acima do dinheiro; quando tôdas as honras fôrem para o homem instruido, para o sábio, para o benfeitor, ai, então, o pobre, atraido pelas radiações de semelhante ideal, imitará o exemplo que lhe dão, porque o povo é um grande imitador e segue sempre o caminho que lhe traçam os que vão à sua frente. Se naquele que o conduz apenas encontra o vicio, a este será conduzido; se, ao contrario, fôr a virtude que ali domina, para esta se voltará, do mesmo modo.

Quasi em tôda a parte do mundo, já o dissemos alhures, o individuo que comete uma falta é condenado à uma pena já por si difamante, sem que o juiz que a aplica, leve em conta os recursos morais e intellectuais que acaso possua o delinquent. Só à uma coisa se atende: à culpabilidade. Daí se deduz que não se procura educar o criminoso, no sentido de uma conduta mais humana. Todo o esforço é exercido sôbre o castigo, sem que ninguém pareça suspeitar que «castigar não é educar». O fato de castigar pode fazer parte de um sistema educativo; porém, por si só, não pode ser fecundo em resultados. Acontece, com efeito, que o criminoso não renuncia, de modo algum, a cometer novos crimes, quando se lhe der a liberdade. O que ele faz, é acautelar-se de modo a evitar novo castigo. Ensinaram-lhe, unicamente, a agir com cautela.

Em resumo, a segurança publica depende do nível moral da sociedade. Por conseguinte, o criminoso não deve ser castigado e, sim, educado e vigiado, até que a sua mentalidade o obrigue a seguir a linha rêta.

(5) Fazem parte do livro do Prof. Henrique J. Souza, *O VERDADEIRO CAMINHO DA INICIAÇÃO*, varias vezes citado neste estudo, as seguintes palavras:

«RECONSTRUIR! é o brado que nos compete! Sim, reconstruir o homem, o pensamento, a moral, os costumes; reconstruir o LAR, a escola, o carater, para que o cérebro se transmude».

Quem melhor, portanto, poderá colaborar conosco, senão essa mesma Imprensa que, fatalmente, terá que ser eubiôticamente «transmudada»?... Essa mesma Imprensa, ainda, que nos primeiros dias de nossa Instituição, esteve ao nosso lado, sempre presente àquelas famosas sessões publicas dos domingos, na Capital Fluminense, sejam: *O Estado*, *O Fluminense*, *Diario do Estado*; no Rio: *A Vanguarda*, *o Globo*, *O BRASIL*, que, por ter desaparecido, bruscamente, do cenário jornalístico de nossa capital, faz-se comparavel a um comêta que aparece e desaparece, deixando apenas no espaço sideral, uma especie de «lembrete cosmico», mais que significativo, por seu papel «fecundador de universos»... o que, no caso daquele querido jornal, é representado por seus valiosos esforços a favor de nosso Povo, a favor do proprio BRASIL, cujo NOME

ele tanto sabia honrar. Finalmente, diversos outros que ao lado dos primeiros, traziam colunas inteiras descrevendo aquelas mesmas «sessões memoraveis de Dhâranâ», como primeiro nome que, «por força de Lei», coube à nossa Instituição, para, depois da «sua autonomia material e espirital» — receber o verdadeiro que lhe competia, ou seja, o de SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA.

Pelo que sabemos, um grande e valioso Movimento se processa entre os mais illustres jornalistas de nosso País, principalmente na capital bandeirante — como se o sangue dos «grandes desbravadores de nossos sertões» de novo entrasse em efervescência, apontando os nôvos rûmos a seguir, para que, «de direito e de fato», o «BRASIL se torne o SANTUARIO DA INICIAÇÃO MORAL E INTELECTUAL DO GENERO HUMANO, A CAMINHO DA SOCIEDADE FUTURA». Sim, «Brasil, Terra do Fogo Sagrado»...

(6) Nos Colégios Iniciáticos do antigo Egipto, como nos da Grecia, etc., «o neófito tinha que cursar 3 anos em cada um dos sete Portais», perfazendo, portanto, 21 anos, para dali sair um INICIADO, ou antes, ILUMINADO. O mesmo Jesus, dos 13 aos 30 anos, desaparece por completo, como se deduz do Novo Testamento. Para Jesus, como se vê, fôram exigidos apenas 17 anos. E, como foi dito em outros lugares deste estudo, aperfeiçoava-se num Colégio dessa mesma natureza, existente no Monte Moria, ou dos Essênios, com o nome também de NAZAREUS, por adotarem a seita de NAZAR. Seus Adeptos traziam «os cabelos à altura dos ombros». Donde, até hoje: «cabêlos a nazarenos».

Muitos dos Faraós do Egipto, principalmente o famoso AMENOFIS IV (ou KUNATON) — como «reis e deuses», ao mesmo tempo, do Egipto, cursaram semelhantes colégios... Daí serem grandes administradores, grandes intellectuais, portadores de todos os conhecimentos, ao mesmo tempo que guerreiros. A propria Historia aponta a «guerra religiosa de Kunaton (1370 anos antes de Cristo), pelo fato da maioria dos sacerdotes, em companhia de generais do seu exercito, quererem adotar nova forma de governo. Como é sabido, foi ELE «que, tendo destronado o deus AMON-RÁ, substitui-o por ATON» (o disco solar), ao qual dedicou versos iniciáticos de rarissimo valor. O mesmo termo KUNATON, quer dizer: «O amado de seu Pai ATON» (isto é, o SOL espirital).

Pelo que se vê, em tais Colégios já se ensinava a verdadeira EUBIOSE, mas, como se diz no texto, a mesma deixou de ser praticada no mundo profano.

As musicas adotadas desde a fundação da S.T.B., são tôdas elas EUBIÔTICAS, devido o seu carater iniciático ou interpretativo. Do seu Repertório — que vai a mais de quaranta composições — figuram Hinos (ou mantras, como são chamados no Oriente), inclusive o da mesma Instituição, intitulado *O ALVORECER DO NOVO CICLO*; diversos bailados; cantos de grande valor iniciático, como *AMOR MATERNA* (dedicado ao Dia das Mães); *O PEREGRINO DA VIDA* (bailada, como Alegoria à Fundação da Obra em que está empenhada a S.T.B., na Ilha de Itaparica, ano 1899); *EXALTAÇÃO AO GRAAL* (homenagem ao Templo da S.T.B., com sua massa coral, como o anterior); *ÓDE AVATARICA* (Resumo da Obra: canto pela massa coral da S.T.B., com orquestra); *ESCULPINDO UMA ESTATUA* (musica de difficil execução, para piano, e também iniciática); *CHORAM AS PEDRAS DE JERUSALEM* (homenagem ao Cristo, para piano); *RESSURREIÇÃO* (uma das mais importantes composições da S.T.B., por seu magnífico valor iniciático), além de outras mais, inclusive as dedicadas aos «Pupilos da S.T.B.» (ou SEMENTES da Nova Civilização), como sejam: Hino dos Pupilos (canto pelos mesmos, com acompanhamento orquestral); *Branco de Neve e os Sete Anões* (interpretação iniciática pelos mesmos «pupilos»); *Bailado dos Coelhos* (do mesmo modo que a anterior), etc., etc.

Em referência aos compositores modernos, cujas musicas são, mais ou menos de carater EUBIÔTICO, o principal dentre eles é o maestro Vila Lôbos, que, além de se afastar do estilo dos velhos compositores, é o maior interprete da VOZ DA NATUREZA.

O Conservatorio Nacional de Canto Orfeônico, sob sua magistral direção, representa uma GLORIA para o Brasil. Dele saem anualmente professores especializados em CANTO ORFEÔNICO, para os Estados, afim de ser difundido o CANTO COLETIVO em todo o País.

“Onde estiver um membro da Sociedade Teosófica Brasileira, ai estará um Templo vivo sintetizado em amôr e sabedoria. (H. J. S.)

ORIGEM DAS FESTAS DEDICADAS . . .

CONT. DA PAG. 64

embora que, entre os menos letrados, relacionando-o com as águas do «infernallago» (o «arco-iris», entre muitos dos seus simbollismos, possui o de «ponte» que conduz o imortal de um mundo para outro, inclusive para Asgardí, das lendas escandinavas, Agarta, Erdemi, etc., segundo as várias tradições, porém, sempre dentro da iniciática interpretação de «país ou cidade dos deuses», ou de tornar um simples mortal em um imortal). E como reminiscência do passado, «hoje se vai ao mar beber água»... para se purificar e outras «coisitas» mais... O Sol, ao contrário, era um espírito benigno, o melhor, o mais amável e maior amigo do homem. O antepassado que nele se encarnava (isto é, que se fazia um com Ele...) tinha o direito de ali colocar a outros antepassados, parentes ou amigos seus. E o fazia obedecendo à imensa ternura paternal (preferível, **fraternal**), como era tão poderoso ou forte, como bom ou amoroso.

Outrotanto não acontecia com os «manes» da Lua, dados aos desaparecimentos e fases desse astro e à palidez de sua luz, mais tristeza e luto do que alegria e luz para a Terra... Eram também «manes» as estrelas... embora que favoráveis e protetores, que tornavam as noites mais plácidas e serenas com seus vivíssimos e rutilantes lampejos. O que não era para admirar diante das palavras de Aristoteles de que, «segundo uma tradição que até nós chegou, de remotíssimos tempos, **as estrelas são deuses**»... Do mesmo modo que, os romanos e os asturianos de hoje, galegos e portugueses das comarcas rusticas, acreditam que, «a cada nascimento de um indivíduo corresponde o de uma estrela. E que as estrelas que corriam eram almas que se desprendiam do Firmamento ao falecer alguém»... Como à **Via Lactea**, «Caminho de Santiago», recordação das fileiras de almas, que iam ao outro mundo em procissão. Ademais, os homens primitivos procuravam colocar o mais perto possível os seus queridos mortos: os celtas, por exemplo, não admitiam uma região fantástica e desconhecida, mas, **real e determinada**, sempre que se tratasse do termo final do homem. Os celtas da Bretanha e os da Galizia olhavam os seus respectivos Finisterres, como lugares onde habitavam os mortos, em sua misteriosa vida. E os mesmos sentidos ou destinos deram aos cabos de Ortegall e de S. Vicente. Os gaulêses acreditavam que os mortos embarcavam na ponta Armórica, perto de Raz, onde existe uma bacia chamada ainda «Bacia das Almas». A lenda prosseguiu e foi ter àqueloura de «fim do mundo». E no episódio de **Nostos**, aponta-se a **Ulisses** viajando pela América. Lucano afirmava que os mortos reviviam «in orbe alto», mas não, em um «orbe» total, e sim, em uma região **localizada** (de «loka», lugar, etc.) no mundo. No Egito, tal lugar era o vale de **Aulú**, regado pelas águas do Nilo celestial e os justos gozavam de felicidade eterna.

Os ritos das sepulturas, em diversos povos antigos, e em quasi todos os selvagens, mostram claramente que, «ao se colocar um corpo no sepulcro, julgava-se ao mesmo tempo, colocar em tal lugar algo vivo. Para os gregos e romanos, não era um mundo extranho ao presente aquêlo onde a alma ia ter a sua segunda existência, mas, que ficava bem perto dos homens, pois sua vida prosseguia «post-mortem»... (sub terra censebant reliquam vitam agi mortuorum). Segundo Cicero, «tal crença era tão forte, que até o momento de se estabelecer o uso da cremação dos corpos, continuava-se julgando que os mortos existiam e viviam **debaixo da terra**»

Por que a Igreja católica relaciona tão estreitamente a festa dos santos com as dos defuntos (1º e 2 de Novembro, ou Dia de Todos os Santos e Dia de Finados)? Porque em tal religião, como em tôdas as outras existentes no mundo, os defuntos são seres sagrados. Manancial do culto aos mortos foi, desde o início, o conceito que deles se formou, como «seres super-humanos», que influíam poderosamente na vida e destino dos vivos. As almas humanas ficavam divinizadas com a morte. Os romanos contavam entre o número de seus deuses, a todós quantos haviam deixado a vida física, qualquer que fosse a sua classe social. E os gregos davam, expon-taneamente, aos mortos o nome de «deuses subterraneos» (tal como no Egito, segundo O Livro dos Mortos) ou divindades bemaventuradas. Os templos dessas divindades eram os seus túmulos. Por isso que, ostentavam a sacramental inscrição: **DIIS MANIBUS**. E em grego: **THEOIS** (dai, Theos-sophia, «sabedoria dos deuses», e não, Sabedorla divina, apenas) **KTHONIOIS**, que significa «estar o Deus sepultado»; Manesque sepulti, dizia Virgílio. Diante do túmulo havia um altar (e ainda hoje em todos os jazigos perpétuos de família) para os sacrificios, como diante dos templos dos deuses maiores ou celestiais.

O Catolicismo não incorporou uma só reforma radical, nem um ideal, às supertições fúnebres e às práticas dos próprios selvagens... Seus santos são os mesmíssimos deuses e heróis do paganismo. E seus defuntos não recebem honras mais solenes que os dos gregos e dos romanos. O maniquêo Fausto acusava aos católicos de seu tempo, de fazer o mesmo que os pagãos, apaziguando as sombras dos mortos, com banquetes e vinhos, deificando ou canonizando aos defuntos virtuosos, rendendo culto aos mártires, convertendo em reliquias os ossos dos santos e a terra que cobre os seus cadáveres. Até hoje os templos continuaram sendo os sepulcros e monumentos dos deuses ou homens deíficos, dos homens distintos e dos homens vulgares. Templo e Cemitério representam uma só e mesma instituição. Nas comarcas rurais da Galicia, entretanto, os enterramentos são feitos nos atrios, de maneira que, o cemitério se acha colocado em torno da igreja paroquial. E o mesmo acontece nas aldeias da Baixa Bretanha, onde, segundo Lebraz, o campo-santo rodeia geralmente o templo. Êste fato demonstra, pois, a prova inconsciente da estreita relação que existe entre o culto das almas e da divindade, com a particularidade apontada por Ratzel, de que, melhor dito, foram os templos que saíram dos cemitérios, e não êstes daqueles. E como os primeiros santos cristãos, quasi todos, sofreram o martírio, os seus primeiros santuários, por sua vez, foram os túmulos dos mártires. As igrejas levavam nomes de santos (e levam ainda) ou lhes eram dedicadas. Afim de perpetuar a sua recordação, eram, quasi sempre, distinguidas com os títulos de **Martyrium, Confessio ou Memoria**.

(1) Diz Cesar Cantú, na sua Historia Universal, Vol. XIII, pags. 142-143: ...repartiram-se os ossos dos Santos, os quais foram procurados com uma cobiça que parecia mais fanatismo do que devoção; parecia, no dizer de um escritor, cerca do ano mil, «que tinha lugar uma resurreição»; desenterrava-se, roubava-se, fabricava-se reliquias de santos, verdadeiros e pretendidos tais. Ricardo, duque de Benevento, obrigou os napolitanos a ceder-lhe São Januario, fêz guerra a Amálfi, unicamente para ter os restos de Santa Trifomena, e roubou os de São Bartolomeu às Ilhas de Lipari.

IMPRESSO NA

GRÁFICA IRMÃOS GIBIN S. A.

Rua Carnot, 94 - S. Paulo